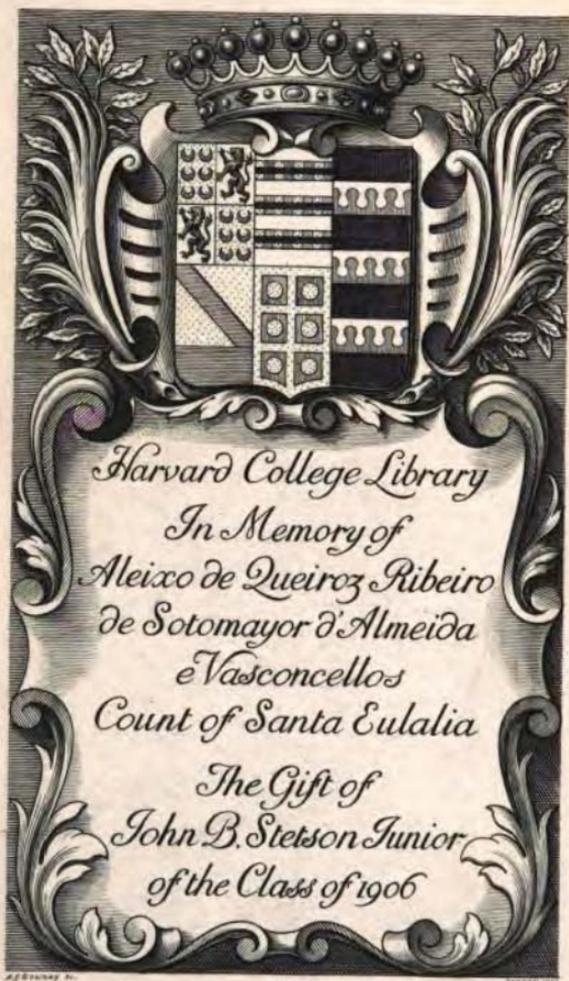


WIDENER



HN MSZK 6



1536 /

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

completa

CARTA

AO EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

Anthero do Quental

NOVEMBRO DE 1865

CONTENTS

PREFACE

CHAPTER I

THE HISTORY OF THE UNITED STATES

CHAPTER II

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

CARTA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

Anthero do Quental

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1865

Port 4102.1

✓ *

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Ex.^{mo} Sr.

Acabo de ler um escripto ¹ de v. ex.^a, onde, a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se falla com aspera censura da chamada eschola litteraria de Coimbra, e entre dois nomes illustres ² se cita o meu, quasi desconhecido e sobre tudo desambicioso.

Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobre maneira diminuta: em quanto que, por outro lado, a minha despreoccupação de fama litteraria, os meus habitos de espirito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indifferente, que é como que se a nada a reduzissemos.

Estas circumstancias pareceriam sufficiente para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho para fallar dois fortes motivos. Um é a liberdade absoluta que a minha posição independentissima de homem sem pretensões litterarias me dá para julgar desassombradamente, com justiça, com frieza, com boa-fé. Como não pretendo logar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange

¹ No livro do sr. Pinheiro Chagas — *Poema da Mocidade*.

² Os srs. Theophilo Braga e Vieira de Castro.

das reputações contemporaneas, é por isso que, estando de fóra, posso como ninguem avaliar a figura, a destreza e o garbo ainda dos mais luzidos chefes do glorioso esquadrão. Posso tambem fallar livremente. E não é esta uma pequena superioridade neste tempo de conveniencias, de precauções, de reticencias—ou, digamos a cousa pelo seu nome, de hypocrisia e falsidade. Livre das vaidades, das ambições, das miserias d'uma posição, que não pretendo, posso fallar nas miserias, nas ambições, nas vaidades d'esse mundo tão extranho para mim, atravessando por meio d'ellas e sahindo puro, limpo e innocente.

A este primeiro motivo, que é um direito, uma faculdade só, accresce um outro, e mais grave e mais obrigatorio, porque é um dever, uma necessidade moral. É esta força desconhecida que nos leva muitas vezes, ainda contra a vontade, ainda contra o gosto, ainda contra o interesse, a erguer a voz pelo que julgamos a verdade, a erguer a mão pelo que acreditamos a justiça. É ella que me manda fallar. Não que a justiça e a verdade se offendessem com v. ex.^a ou com as suas apreciações. Verdade e justiça estão tão altas, que não têm olhos com que vejam as pequenas cousas e os pequenos homens das infimas questiunculas litterarias d'um ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal.

Não é isso o que as offende. Mas as idéas que estão por de trás dos homens; o mal profundo que as cousas apenas miseraveis representam; uma grande doença moral accusada por uma pequenez intellectual; as desgraças, tanto para reflexões lamentosas, d'esta terra, reveladas pelas miserias, tão merecedoras de despreso, dos que cuidam dominal-a; isso é que afflige excessivamente a razão e o sentimento, o que prende o olhar ainda o mais desdenhoso a estas baças intrigas; isso é que levanta esta questão do raso das personalidades para a elevar até á altura d'uma questão de principios, e que dá ás ridiculas chufas, que entre si trocam uns tristes litteratos, todo o valor d'uma discussão de philosophia e de historia.

Sim, ex.^{mo} sr. Eu não sei se v. ex.^a tem olhos para ver tudo isto. Cuido que não: porque a intelligencia dos habeis, dos prudentes, dos esportissimos é muitas vezes

cega em lhe faltando uma cousa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes — a boa-fé.

À luz d'ella, porem, eu hei de sempre ver uma pessima acção, digna de toda a importancia d'um castigo, nas impensadas e infelizes palavras de v. ex.^a, dignas quando muito d'um sorriso de desdem e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incommodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a deshonesta acção de v. ex.^a

Porque é uma acção deshonesta. O que se ataca na eschola de Coimbra (talvez mesmo v. ex.^a o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes), o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idéa. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra faz-se á independencia irreverente de escriptores, que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres*, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo inaudito d'uma litteratura desaforada, que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grãos-mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade d'estes hereges das letras, que se revoltam contra a auctoridade dos papas e pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas fronte o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pensar por si e ser só responsavel por seus actos e palavras...

Agora quem move estes ridiculos combates de phrases é a vaidade ferida dos mestres e dos pontifices; é o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes; é a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias; é a vulgaridade que cuida que a forçam — nós só lhe queremos puchar as orelhas!

Isto, resumido em poucas palavras, quer dizer: combatem-se os hereges da eschola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, do atrevimento de sua rectidão moral, do attentado de sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem

por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes de respeito humilde ás vaidades omnipotentes, de submissão estúpida, de baixaza e pequenez moral e intellectual.

V. ex.^a, com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é não só mal feita, mas tambem pequena e miseravelmente feita. Mas é que a eschola de Coimbra commetteu effectivamente alguma cousa peor de que um crime — commetteu uma grande falta: *quiz innovar*. Ora, para as litteraturas officiaes, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sophismas, do que envenenar com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, peor do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer* e não *repetir*, de *inventar* e não de *copiar*. Por que? Porque todos os outros crimes eram contra as idéas: haveria sempre um perdão para elles. Mas esta falta era contra as pessoas: e essas taes são imperdoaveis. Innovar é dizer aos prophetas, aos reveladores encartados: « ha alguma cousa que vós ignoraes; alguma cousa que nunca pensastes nem dissestes; ha mundo além do circulo que se vê com os vossos oculos de theatro; ha mundo maior do que os vossos systemas, mais profundo do que os vossos folhetins; ha uníversono um pouco mais extenso e mais agradavel sobre tudo do que os vossos livros e os vossos discursos. » Isto, sim, que é intoleravel! Isto, sim, que é infame e revoltante e impio e subversivo! Contra isto, sim, ás armas, ergamo-nos na nossa força, mostremos o que somos e o que podemos... escrevamos tres folhetins e um prologo!...

V. ex.^a fez-se chefe d'esta cruzada tão desgraçada e tão mesquinha. Não posso senão dar-lhe os pezames por tão triste papel. Mas se eu, como homem, desprezo e esqueço, como escriptor é que não posso calar-me; porque atacar a independencia do pensamento, a liberdade dos espiritos, é não só offender o que ha de mais sancto nos individuos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimonio sagrado da humanidade — o futuro. — É secar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras têm de

beber. É cortar a raiz da arvore a que os vindoiros tinham de pedir sombra e socego. É atrophiar as idéas e os sentimentos das cabeças e dos corações que têm de vir.

O contrario d'isto tudo é que é a bella, a immensa missão do escriptor. É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independencia de espirito, toda a despreocupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres, de auctoridades, nunca será de mais. O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o ouro entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da não por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas inconstantes e injustas, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.

Este é o escriptor, o poeta, o apostolo. Se o obrigassem a respeitos convencionaes, a terrores supersticiosos diante de certos homens, a espantos cegos diante de certas cousas; se o fizessem baixar a cabeça e as costas para entrar a porta do pantheon litterario; elle, o pobre, ficaria sempre curvo e submisso, humilde e sem força propria, servo de alheias idéas e apostolo apenas de palavras decoradas e vazias d'alma. Como se havia elle pois erguer, entre seus irmãos, tão alto que seus olhos fossem uns como pharoes para todos os outros olhos, a sua fronte uma como montanha de luz; tão alto que as palavras de sua bocca cahissem sobre as cabeças como uma chuva benefica e fecundante? Seria, depois das provas e das torturas, das genuflexões e das baixezas da iniciação no gremio dos *senhores*, seria

um aleijão e não gigante, um aborto em vez de heroe e, em vez de sobr'exceder a todos com a fronte, andaria sumido entre elles, visitado escassamente pelo sol e pela luz. Elle, que não soubera procurar para si o seu caminho, como poderia elle allumiar o dos outros? Elle, humilde, como ensinaria a altivez e a dignidade? Respeitador de conveniências estereis, como daria o exemplo das révoltas fecundas? Sem alma, como a insuflaria no peito dos tristes e humilhados? Sem vontade, como resistiria ás tyrannias da opinião omnipotente, ao capricho dos grandes, ás ambições, ás tentações?

As grandes, as bellas, as boas cousas só se fazem quando se é bom, bello e grande. Mas a condição da grandeza, da belleza, da bondade, a primeira e indispensavel condição, não é o talento, nem a sciencia, nem a experiencia: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma e a dignidade do pensamento e do caracter. Nem aos *mestres*, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças. Nesta eschola do trabalho, da dignidade, das altas convicções, se formam os homens em cujos peitos a humanidade encontra sempre um vasto lago onde farte a sêde de verdade, de consolações, de ensinamentos para a intelligencia e confortos para o coração.

No peito dos outros, dos que andam de capella em capella na lida afanosa de incensar cada dia todos os idolos, dos que fazem da gloria uma bastilha para aventureiros levarem de assalto, e não pulpito aonde se suba com respeito e amor, no peito d'esses não habita mais do que ambição, vaidade, endurecimento e miseria. Esses lisongeião os grandes; e os grandes dão-lhes a mão para que subam, e desprezam-nos depois. Lisongeião as maiorias; e as maiorias inconstantes lançam-lhes no regaço um pouco de ouro e algum applauso de momento, e depois passam e esquecem. Afagam todas as vaidades; e têm em cada vicio humano um capital, cujo juro dissipam em quanto vivos, porque essa moeda corrompida para mais ninguem serve. Emfim, nos quinze ou vinte annos em que dão que

falar ás gazetas, aos botequins, aos gremios, a todos os vadios, a todos os futeis, folgam, vivem alegres e esquecidos de tudo quanto não seja a satisfação do que ha no homem de mais pequeno — a vaidade e o interesse.

Para os outros a obscuridade, e a miseria muita vez — mas a estima dos melhores entre os homens pelo espirito, e, o que excede tudo, a posse d'uma consciencia superior a quanto não seja a verdade, a justiça e a formosura. As idéas serenas brilham-lhes na escuridão do isolamento e alumiam-lhes com uma luz doce mas immensa toda a sua obscuridade. Dão-se a desbaratar o mal dos outros homens, como muitos se dão a augmentar o seu bem proprio. Vivem na região das benções, escutando as palavras da bôcca invisivel, e com os echos d'essa voz celeste compõem os hymnos de esperança e de amor para a humanidade. Morrem; mas morrem nobres e puros. Tudo isto porque foram independentes. Não pertenceram a corrilhos; não elogiaram ninguem para que os elogiassem a elles; não incensaram os fetiches dos ridiculos pagodes litterarios. Foram honrados. Foram simples.

A estes taes chamo eu poetas. Porque nos ensinam o bem. Porque são originaes e dizem sempre alguma cousa nova á nossa curiosidade de saber. Porque dão com a elevação das vidas confirmação á sublimidade dos escriptos. Porque são tão poeticos como os seus poemas. Porque vão adiante abrindo á luz e ao amor novos horisontes. Porque não conhecem ambições nem orgulhos. Porque têm a cabeça do genio e o coração da innocencia. É por isso tudo que lhes chamo poetas.

Os outros adoram a *palavra*, que illude o vulgo, e desprezam a *idéa*, que custa muito e nada luz. São apóstolos do dictionario, e têm por evangelho um tractado de metrificacão. Fazem da poesia o instrumento de suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas praticam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrever da grandeza humana, porque são uns sophismas que nos mostram a pequenez e a má fé aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dicto ha mil annos, e

fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para parecerem alguma cousa. São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São, enfim, genios no Brasil como v. ex.^a

Estes taes escusam da nobreza e da dignidade: têm a habilidade e a finura. Para a obra que fazem, isso lhes basta. Mas a obra, ex.^{mo} sr., é que é uma obra vulgar: bem feita para agradar ao ouvido, mas esteril para o espirito. Sôa bem, mas não ensina nem eleva. Ora a humanidade precisa que a levantem e que a doutrinem. São, pois, necessarias outras e melhores obras.

Mas, se já alguma hora da historia impoz aos que fallam alto entre os povos obrigações de seriedade, de profunda abnegação, de sacrificio do *eu* ás tristezas e miserias da humanidade, de trabalho e silencioso pensamento; se alguma hora lhes mandou serem graves, puros, crentes, é certamente esta do dia de hoje, da idade de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaixamento moral, de descrença, que é o nosso seculo. Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa.

Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens. Sahirão esses heroes das academias litterarias? das arcadias? das sinecuras opulentas? dos corrilhos do elogio-mutuo? Sahirão as aguias das capoeiras? Saltarão as idéas salvadoras do choque das maledicencias e dos doestos? Nascerão as dedicações do casamento das vaidades? Darão a grande novidade os ledores de Horació? Inventarão as novas formulas os que decoram as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos? E os Socrates' e os Epictetos descerão para as suas missões das cadeiras almofadadas, das rendosas coneziias litterarias, das prebendas, das explorações?

Fóra d'essa atmospherá corrupta, e, quando não corrupta, pelo menos esterilizadorá, é mais provavel encontrarem-se as condições que precisam para viver e crescer os homens uteis e necessarios ás transformações do espirito humano.

Não é traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma;¹ requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos semsabores;² não é com idyllios grotescos sem expressão nem originalidade, com allusões mythologicas que já faziam bocejar nossos avós;³ com phrases e sentimentos postiços de academico e rhetorico;⁴ com visualidades infantis e puerilidades vãs;⁵ com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados;⁶ com banalidades;⁷ com ninharias;⁸ não é, sobre tudo, lisongeando o máo gosto e as pessimas idéas das maiorias, indo atrás d'ellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão de produzir as ideias, as sciencias, as crenças, os sentimentos de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar como uma fogueira a que a lenha vai faltando.

Mas fóra de tudo isto, d'estas necedades tradicionaes, é o nevoeiro, é o methaphysico, é o inatingivel — diz v. ex.⁹

Todavia, quem pensa e sabe hoje na Europa não é Portugal, não é Lisboa, cuida eu: é Paris, é Londres, é Berlim. Não é a nossa divertida Academia das Sciencias, que revolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idéas. E o Instituto de França, é a Academia Scientifica de Berlim, são as escholas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias e de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Allemanha. Pois bem: a Allemanha, a Inglaterra, a França, comprazem-se no nevoeiro, são incomprehensi-

¹ Allude ás traducções de Ovidio e Anacreonte.

² Allude ás Cartas d'Echo e Narciso.

³ Allude á Primavera.

⁴ Allude ao Tributo Portuguez na morte de Pedro V.

⁵ Allude aos tractados de Metrificação e Mnemonica.

⁶ Allude a todas as obras em prosa.

⁷ Allude a todas as obras em verso.

⁸ Allude a todas as obras junctas, prosa e verso.

veis e ridículas, são methaphysicas tambem. As tres grandes nações pensantes são risiveis deante da critica fradesca do sr. Castilho. Os grandes genios modernos são grotescos e despreziveis aos olhos baços do banal metrificador portuguez.

O grande espirito philosophico do nosso tempo, a grande creação original, immensa da nossa idade, não passa de confusão e embroglio desprezivel para o professor de ninharias, que cuida que se fustiga Hegel, Stuart Mill, Augusto Comte, Herder, Wolff, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerbach, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia allemã, a critica franceza, o positivismo, o naturalismo, a historia, a methaphysica, as immensas creações da alma moderna, o espirito mesmo da nossa civilisação.... que se fustiga tudo isto e se ridicularisa e se derriba com a mesma sem-cerimonia com que elle dá palmatoadas nos seus meninos de 30, 40 e 50 annos, de Lisboa, do Gremio, da Revista Contemporanea!

Quem seguir tudo isto vai com o pensamento moderno; com as tendencias da sciencia; com os resultados de trinta annos de critica; com a nova eschola historica; com a renovação philosophica; com os pensadores; com os sabios; com os genios; vai com a França; vai com a Allemanha — mas que importa? não vai com o sr. Castilho! não vai com o novo methodo repentista! não vai com o moderno folhetim portuguez!

O metrificador das Cartas d'Echo diz ao pensador da Philosophia da natureza — *tira-te do meu sol!* — O mythologo do dictionario da fabula diz ao profundo descobridor da Symbolica — *és um ignorante!* — A rethorica portugueza diz á sciencia, ao espirito moderno — *cala-te d'ahi, papelão!*

É que tudo isto não passa de idéas. Ora ha uma cousa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não deixa em paz, que nos prometeu destruir... é a methaphysica... é o ideal...

O ideal! palavra mystica; de gothica configuração; quasi impalpavel; espiritualista; impopular; que o artigo de fundo repelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim e que

enche o maior poema; immensa aos olhos dos que a vêem com os olhos fechados e que nunca viram os que os trazem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas; grotesca num botequim; disforme numa sala; medonha numa assembleia de litteratos horacianos... decididamente v. ex.^a devia odiar esta desgraçada palavra!

O ideal quer dizer isto: desprezo das vaidades; amor desinteressado da verdade; preocupação exclusiva do grande e do bom; desdem do futil, do convencional; boa fé; desinteresse; grandeza d'alma; simplicidade; nobreza; soberano bom gosto e soberanissimo bom senso... tudo isto quer dizer esta palavra de cinco letras — ideal.

Por todos estes motivos ella é sobremaneira odiavel; ella é desprezivel por todas estas causas; e v. ex.^a tem toda a razão, chacoteando, bigodeando, pulverisando esse miseravel ideal.

Elle, com effeito, nada do que elle é ou do que vem d'elle, serve ou pode servir jámais para alguma cousa do que se procura na vida, do que nella procuram os homens graves, os homens serios, os homens de senso e gosto como v. ex.^a, que nada querem com ideaes ou com idéas, mas só com realidades e com factos; para captar a admiração das turbas; o applauso das multidões; para formar um grande nome composto de pequeninas letras; para merecer os encomios dos grammaticões e o assombro dos burguezes; para ser das academias; das arcadias; commendador; citado pelos brasileiros retirados do commercio; decorado pelos directores de collegio; o Tirteu dos mercieiros e um Homero constitucional.

Para isto é que não serve o ideal. E é por isso, pela sua absurda inutilidade, que v. ex.^a o apeia com tanta sem cerimonia do pedestal aonde, para o adorarem, o têm posto os loucos que nunca foram nada neste mundo, nem das academias nem do conselho de instrucção publica, um Christo, um Socrates, um Homero...

Por isso é que v. ex.^a faz muito bem em o destruir, a esse pobre diabo do ideal; de o pôr fóra de casa a bofetões; de o bannir das suas obras, que não ha ver por lá nem a mais leve sombra d'elle. Agradam a todos assim. Os ver-

sos de v. ex.^a não têm ideal — mas começam por letra pequena. As suas criticas não têm idéas — mas têm palavras quantas bastem para um dictionario de synonymos. Os seus poemas lyricos não são methaphysicos, não precisam d'uma excessiva attenção, de esforços de pensamento para se comprehenderem — e têm a vantagem de não deixarem ver nem um só ideal. Nas suas obras todas ha uma falta tão completa d'essas incomprehensibilidades, que deve pôr muito á sua vontade os leitores que v. ex.^a têm no Brasil. V. ex.^a diz tudo quanto se pode dizer sem idéas — boa, excellente receita para não cahir nas nebulosidades do ideal. Os seus escriptos são optimos escriptos — menos as idéas : e é v. ex.^a um grande homem — menos o ideal.

Dante, que era um barbaro, e Shakspeare, que era um selvagem, é que rechearam as suas obras de ideal. Victor Hugo tambem cáe muito nesse defeito. V. ex.^a é que o tem sempre evitado cautelosamente, e por isso não é um barbaro como Dante, nem selvagem como Shakspeare, nem um máo poeta como Victor Hugo. Não é Dante, nem Shakspeare, nem Hugo — mas é amigo do sr. Viale, que falla latim como Mevio e Bavio.

Mas, ex.^{mo} sr., será possivel viver sem idéas? Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no curso de letras, na academia, no conselho superior, no gremio, nos saraus de v. ex.^a, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para viver bem. Fóra de Lisboa, isto é, no resto do mundo, em Paris, Berlim, Londres, Turim, Goettingue, New-York, Boston, paizes mais desfavorecidos da sorte, na velha Grecia tambem e mesmo na Roma antiga, é que nunca poderam passar sem essas magnificas inutilidades. Ellas o muito que têm feito é servirem de entretenimento aos visionarios como Christo (um metaphysico bem nebuloso), como Socrates, como Çakia-Mouni, como Mahomet, como Confucio e outros sujeitos de nenhuma consideração social, que se entretinham fazendo systemas com ellas, e com os systemas religiões, e com as religiões povos, e com os povos civilisações, e com as civilisações codigos, leis, sentimentos, amores, paixões, crenças, a alma emfim da humanidade, cousa que se não vê nem rende, e é tambem inutil e incomprehensivel. Eis ahi o mais a que as idéas têm

chegado. Creio que pouco mais ou nada mais têm feito do que isto.

Em Lisboa é que nem isto. Não sei se tem havido quem tente introduzil-as nessa capital. V. ex.^a é que eu tenho a certeza de que não era capaz d'essa má acção. Por isso Lisboa não cabe como cahiram Athenas e Roma, por causa das suas idéas, e Jerusalem e outras cidades infelizes, cujos poetas tiveram um amor demasiado ao ideal... Uma só cousa ficou d'ellas: uma memoria grande, honrosa, nobilissima. Cahiram, mas deram ao mundo um espectáculo raro — o espirito e a consciencia humana triumphando da materia e brilhando no meio das ruinas como a chamma que se alimenta da destruição da lenha d'onde sahe e que a gerou. Eu não sei se v. ex.^a acha isto sensato e de bom gosto. Cuido que não. O que eu sei sómente é que isto é sublime

Paro aqui, ex.^{mo} sr. Muito tinha eu ainda que dizer: mas temo, no ardor do discurso, faltar ao respeito a v. ex.^a, aos seus cabellos brancos. Cuido mesmo que já me escapou uma ou outra phrase não tão reverente e tão lisonjeira como eu desejava. Mas é que realmente não sei como hei de dizer, sem parecer ensinar, certas cousas elementares a um homem de sessenta annos; dizel-as eu com os meus vinte e cinco! V. ex.^a aturou-me em tempo no seu collegio do Portico, tinha eu ainda dez annos, e confesso que devo á sua muita paciencia o pouco francez que ainda hoje sei. Lembra-se, pois, da minha docilidade e adinvha quanto eu desejaria agora podel-o seguir humildemente nos seus preceitos e nos seus exemplos, em poesia e philosophia como outr'ora em grammatica franceza, na comprehensão das verdades eternas como em outro tempo no entendimento das fabulas de La Fontaine. Vejo, porem, com desgosto qué temos muitas vezes de renegar aos vinte e cinco annos do culto das auctoridades dos dez; e que saber explicar bem Telemaco a crianças não é precisamente quanto basta para dar o direito de ensinar a homens o que sejam razão e gosto. Concluo d'aqui que a idade não a fazem os cabellos brancos, mas a madureza das idéas, o tino e a seriedade: e, neste ponto, os meus vinte e cinco annos têm-me as verduras de v. ex.^a convencido valerem

pelo menos os seus sessenta. Posso pois fallar sem desacato. Levanto-me quando os cabellos brancos de v. ex.^a passam deante de mim. Mas o travesso cerebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas, que sahem d'elle, confesso não me merecerem nem admiração nem respeito, nem ainda estima. A futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. ex.^a precisa menos cinquenta annos de idade, ou então mais cinquenta de reflexão.

É por estes motivos todos que lamento do fundo d'alma não me poder confessar, como desejava, de v. ex.^a

Coimbra 2 de Novembro
de 1865.

Nem admirador nem respeitador

Anthero do Queuntal.

2

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY 101: INTRODUCTION TO PHILOSOPHY

LECTURE 1: THE PHILOSOPHER'S LIFE

Vende-se nas principaes livrarias. . . . preço 100 rs.

DO MESMO AUCTOR

Odes Modernas 1 vol. em 8.º. preço 400 rs.

*Em Lisboa na loja de livros de Lavado; Porto e Coimbra,
na livraria da Viuva Moré.*

2
Port 4102,05
Nas 6x

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

FOLHETIM

A PROPOSITO DA CARTA

QUE O SENHOR

ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA

IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1865

Boyveau & Chevillet

Livres en toutes Langues
22, R. de la Banque, PARIS

2
BOM-SENSO E BOM-GOSTO

FOLHETIM

A PROPOSITO DA CARTA

QUE O SENHOR

ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR M. PINHEIRO CHAGAS

LISBOA

IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua de Caldeira — 17

1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

June 23, 1924

A carta do sr. Anthero do Quental ao sr. Castilho — Motivo por que tomo a palavra — O sr. Anthero apanhado em «negligé» — Vem a proposito o baixo-profundo Marinozzi, o Banco Ultramarino, D. Ignez de Castro e Camões — As novidades velhas — As porcelanas da Rússia — Cita-se Nicoláo Tolentino — Entra-se na questão do ideal — Evocação perigosa — As escolas da decadencia — Não falta Victor Hugo — Para que servem as imagens — O manto de Hercules — As aguias e as gallinhas.

Publicou-se ha tempo e tem-se espalhado em Lisboa uma carta dirigida pelo sr. Anthero do Quental ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, carta em que o poeta das *Odes modernas* protesta violenta e virulentamente contra a censura, irrogada pelo cantor do *Amor e Melancholia* á desastrada escola, de que o sr. Anthero do Quental teve a triste honra de ser um dos fundadores. Fôra lavrada essa censura no artigo de critica litteraria com que o sr. Castilho acompanhou o pobre poema, que ahi publiquei, e que ficou d'essa fórma illustre. Marengo e Austerlitz, diz Victor Hugo no prologo das *Orientaes*, eram duas ignoradas aldeias; immortalisou-as um dos lampejos victoriosos da espada de Napoleão.

Não intento responder á carta; ainda que a pessoa, a quem ella é dirigida, esteja dispensada de responder pela inconveniencia do ataque, não me compete a mim substituil-a. Penna mais competente e mais authorisada por todos os motivos se está preparando para isso; ¹ mas eu, que fui um dos primeiros a accusar de falso, de affectado, de absurdo, de gongorico o estylo da escola de Coimbra, hoje, que uma das pythonizas desce da tripode, e vem, em linguagem accessivel aos mortaes, explicar os oraculos, e lançar a luva aos que zombaram dos livros sybillinos, não desamparo o meu posto, e apresso-me a descer á liça, onde encontro afinal um adversario. Não via até agora senão sombras impalpaveis, que fluctuavam nas brumas das abstracções, e se revestiam de um certo *ideal*, alugado a tanto por ode nos algibeas da Allemanha.

Linguagem accessivel aos mortaes, disse eu já, e repito agora.

¹ Referia-me ao sr. Julio de Castilho, cuja carta já foi publicada

«Uma das maiores provas do absurdo d'aquelle estylo, dizia-me um dia d'estes Bulhão Pato illuminando a questão com um dos admiraveis lampejos do seu espirito de poeta, é que até para o defenderem precisam de o abandonarem.» Mais ainda, digo eu; a prova de que esse estylo é affectado é que o sr. Anthero do Quental, quando o seu espirito, excitado pela critica justa ou injusta, que lhe foi feita, se levantou de um impeto para defender-se, quando a palavra lhe brotou espontaneamente dos labios, não procurou phraseado nebuloso, não adoptou fórmas arrevezadas, deixou-a irromper envenenada mas vevemente, resvalar pelo declive natural, reflectir na torrente espumosa o esplendor do sol claro e limpido, o desanuviado azul do nosso firmamento. Apanhámol-o em flagrante delicto de naturalidade. Surprehendémol-o antes de ir para o toucador, sem peruca, sem carmim, sem pó de arroz. É verdade que o vimos tambem em mangas de camisa, e de mangas arregaçadas. Mas antes isso, sr. Anthero do Quental, antes isso do que vestir aquella casaca allemã, tão safadinha já, e que nos quer dar por nova. *Innovar, inventar*, sr. Anthero do Quental! no tempo de Henrique Heine já essa casaca estava no fio, e ainda encontrou em Coimbra quem a arremendassel! Ah! Coimbra, *terra de encanto, do Mondego amena flor* o que te falta são alfaiates, que não tenham só obra feita, vinda pelo paquete de Bordeos.

A carta, abstrahindo da verrina indigna do sr. Anthero do Quental, revela um verdadeiro talento, infelizmente para o seu author. A unica desculpa, que tem quem põe cabelleira, é ser calvo. Agora pôde o sr. Anthero do Quental voltar quando quizer ao seu tom de oraculo, pôde trepar de novo aos pinca-ros inaccessiveis do seu estylo, vestir-se, compor-se, arrebicar-se, pôr a mascara de lata com que suppõe engrossar a voz, como os actores gregos a robusteciam com a mascara de bronze, esbravejar na tripode, imitar a aguia de Guernesey como o corvo da fabula, que tambem intentou seguir o exemplo da rainha dos ares e que se emmaranhou na lã de um carneiro, exactamente como o sr. Anthero do Quental se emmaranha nas suas lanzudas theorias; improvisar uma *Pathmos da Ponte no O*, ser o vidente do botequim do Throno, escrever um Apocalipse que se venda por 400 rs. nas lojas do costume, perceber o sr. Theophilo Braga e consentir que elle o perceba, chamar ode ao que nem é charada porque não tem conceito; mas não estranhe, quando estiver todo ufano com o grande uniforme de sybilla, que lhe puxem pelo rabicho e que lhe digam: «Larga a cabelleira.»

Não vou responder á carta, repito, vou apenas levantar as

phrases, que foram dirigidas a todos quantos escrevemos n'esta profana Lisboa, para nosso ensino e aproveitamento. Oíçamos com o devido respeito.

Trata-se primeiro de saber qual é o motivo da crua guerra intentada por nós contra a escola de Coimbra, guerra, em que ousámos, sem sermos Titães, escalar o Olympo, o que nos ha de render o ficarmos ahí soterrados debaixo de um Etna de palavriado. O motivo nada tem de litterario, é simplesmente o despeito que nos causa a independencia de character dos escriptores da universidade, que não vem enfileirar-se nas nossas phalanges, nem jurar fidelidade aos nossos generaes, e a indignação que a estes inspira o verem aquelles refractarios vagueando independentes nos plainos do Mondego.

Esteve aqui em Lisboa um baixo-profundo Marinozzi, que, tendo sido applaudido no Porto, foi pateado em S. Carlos. Nunca o digno homem se pôde convencer de que essa pateada fosse dada sem segunda intenção, e que a originasse simplesmente ou o seu mau methodo ou a sua má voz. «Fui pagar em Lisboa, dizia elle voltando lacrymoso para a cidade invicta, a questão da dissidencia do banco ultramarino, a iniciativa tomada pelo Porto na idéa da exposição, e outras coisas que excitam os ciumes da capital.» O sr. Anthero tambem opina pelo banco ultramarino e pela iniciativa da exposição. Não o perturbemos n'essa illusão suave. Menos barbaro que Affonso iv com D. Ignez de Castro, deixemol-o passeiar *pelos saudosos campos do Mondego*.

N'aquelle engano d'alma ledo e cego!

Mas, meu caro sr. Marinozzi, seja menos injusto. Suspeita que essas ovelhas tresmalhadas produzam tamanha desordem no aprisco lisbonense? Julga que os pastores se ralam com a falta de rezes, que foram atacadas pela epizootia, que grassa para esses sitios? Essa razão, que o sr. Anthero allega, não direi que seja uma razão de cabo d'esquadra, mas, como tanto se affeiçoou aos allemães, não se offenderá que eu lhe diga que é... *une raison d'allemand*.

Qual é o outro merecimento, por causa de qual são lapidados estes prophetas? É porque elles não imitam, mas *innovam e inventam*.

Innovam o que? Inventam o que? A philosophia de Hegel? os systemas historicos de Vico? a symbolica pagã de Creuzer? o esclarecimento da historia pelo estudo da jurisprudencia de Savigny? a critica de Schlegel, do Raynouard, de Villemain, de Michelet, de Quinet, de Taine? Mas tudo isso já lá fóra desceu das mysteriosas alturas do saber de poucos para a fru-

dição comesinha dos Dicionários de Conversação. Applicaram pelo menos ao estudo das coisas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros, pharoes que projectam a sua immensa luz nos mares tenebrosos do passado? Não, nem isso, a menos que os artigos do sr. Theophilo Braga, que não dão um passo para além dos prologos de Garrett, não sejam considerados como equivalentes aos trabalhos dos eruditos francezes e allemães! E porque não ha de ser assim?

Eia ardor, coração, vaidade ao menos!

Ávante! Innovem, sem pagarem direitos d'alfandega. Os manufactores russos fabricam jarras de porcelana, pondo nas de Sévres um fundo, que occulta a marca franceza... Cautella. não lhes tirem o fundo, senhores innovadores e inventores! Escrevam livros, artigos

Cujos crédores na *Allemanha* fervem

e fulminem com o seu desprezo os que vão pelo trilho da vulgaridade. Venham as innovações requentadas, as invenções em segunda mão, a originalidade da feira da ladra, o ideal de contrabando! Assim fez a gralha, em quanto a não dependaram.

Mas o que tem inventado então? A fórma talvez, o estylo, o phraseado; essa farraparia creio que ninguem lh'a reclama. Essas lentejoulas que tomam por estrellas, essa missanga que impingem por diamantes, essa baeta vermelha com que arredam purpura, tudo isso é seu, pertence-lhes... Que digo? Nem isso mesmo! nem na parodia foram originaes; já o latego de Nicolau Tolentino flagellava as costas aos patriarchas d'essa escola, no fim do seculo passado.

Aos novos ursos todo o povo acode
O estylo é sybillino, o nome é odel

Um grito de consciencia obrigou o sr. Anthero do Quental a confessar o parentesco, dando ao seu livro o titulo de *Odes modernas*. O estylo é sybillino ainda, e parece que o nosso grande satyrico tinha as poesias do sr. Anthero do Quental diante dos olhos, quando escrevia:

As taes poesias (que a entender não chego)
Podres palavras teem desenterrado;
Se levam nó, é tão occulto e cégo,
Que quem quer desatal-o vae logrado.
Dizem que imitam n'isto um certo Grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado,
Se isto é assim, a sua lingua d'oiro
Seria grega, mas fallava moiro.

Mas não é esta ainda a pedra de escandalo; não é essa a grande virtude, que nos obrigou a crucificarmos o sr. Anthero do Quental entre o sr. Theophilo Braga, e o sr. Vieira de Castro. Que este ultimo já provavelmente é repellido como traidor, por que o sr. Vieira de Castro actualmente falla, com eloquencia ou sem eloquencia, não é essa a questão, mas pelo menos na linguagem terrestre. Esse renegou; mas ao sr. Theophilo Braga é que naturalmente o Christo coimbrão abre o seio carinhoso, a esse é que elle diz: *Hodie mecum eris in paradiso*.

A maxima virtude d'essa escola, a que excita as nossas iras, é a sua adoração pelo ideal, o sacerdocio augusto que esses poetas exercem. Isso sim, isso é que nós não percebemos, por isso é que os apedrejamos.

O ideal! mas o ideal deriva de idéa, e a idéa é o que eu em vão procuro por baixo da tumida crosta das suas poesias. Vejo o sr. Anthero do Quental ora abolir Deus, ora proclamar a obediencia dos astros á lei do infinito. Mas o que é o infinito? É a materia? Materia e infinito são duas palavras que andam aos pontapés uma á outra, como as rimas do sr. Anthero. Mas, admitindo a conciliação do inconciliavel, se é materialista, o que faz o distincto poeta ao ideal, que adora? É por fim de contas um ideal de convenção, bom para produzir effeito, mas em que o poeta não crê? Esse novo idolo teve a sorte de todos os idolos, e são os seus sacerdotes os primeiros que zombam d'elle, zombando do crédulo publico?

Ah! não profane esse nome sagrado, não beba nos vasos santos o vinho dos seus desvairamentos! E sobretudo não profira os grandes nomes de Dante e de Shakespeare, pallido Saul tremente perante as sombras que evoca! E se persistir n'isso, se quizer por força que desçam do altar dos seculos o velho florentino e o tragico britanno, acautele-se porque o bando pueril de que é chefe e que entrou sorrateiramente no templo do ideal por descuido dos sachristães, pôde ser escorraçado e disperso, não pelo chicote, que serviu a Jesus para expulsar os mercadores, mas pela férula, que castiga as travessuras das creanças, que vão brincar com coisas de que nada entendem.

Dante era um barbaro, e Shakespeare tambem, diz o sr. Anthero do Quental, reclamando a confraternidade da barbaria. Engana-se; o sr. Anthero não é um barbaro, é um grego do Baixo Imperio. A sua escola é a turba de vermes, que brota da putrefacção de uma litteratura. É para os grandes homens do romantismo o que foi Claudiano para Virgilio, Marini para Tasso, Campistron para Corneille. A apparição da sua escola é um **facto** mil vezes repetido na historia litteraria, e a que (inevita-

velmente se segue uma reacção salutar. Cumpram a sua missão; mas, ao resvalarem no precipicio, não se aferrem a essas arvores gigantes, que resumem em si uma litteratura inteira. Parasitas do ideal, não se enrosquem nos robles; mosquitos do coche litterario, não queiram ser como a sua collega da fabula, que zunia em torno dos corseis que puxavam o vehiculo, e andava n'uma azafama constante, esfalfada e ufana, persuadindo-se a si, e querendo persuadir os outros de que era ella e ella só quem arrastava o carro.

Tambem Victor Hugo foi chamado a proteger as locubrações do sr. Anthero e as suas *estolas do infinito*. Se julgam encontrar nos livros de Victor Hugo authorisação para o emprego d'essas imagens absurdas, mostram mais uma vez que nem entendem os modêlos que tomam. As imagens do poeta exilado, por mais arrojadas que sejam, despertam sempre uma idéa no espirito dos leitores. A imagem (deixem-me falar a sua lingua, e citar até, se me não engano, o sr. Theophilo Braga), é a expressão visivel do Sentimento. A imagem dá um corpo á idéa, e faz com que a vejam os olhos da phantasia. Quando Victor Hugo, n'uma synthese audaz, nos diz que a ave leva o infinito preso na ponta d'aza, vemos de relance a cadeia immensa dos seres, cujos fusis extremos se ligam; que idéa nos desperta a *estola do infinito*? quando encontrou o sr. Anthero do Quental, em Victor Hugo, uma imagem tão ôca de sentido como esta! E, se alguma vez a encontrou, foi de certo nos instantes em que a imperfectibilidade humana venceu a inspiração divina, foi nos momentos em que dormia Homero, e é uma covardia, sr. Anthero do Quental, aproveitar-se do somno do gigante, para lhe ir estampar na frente o indelevel estyigma da sua imitação.

Mas o gigante desperta; levanta-se o Hercules, e, ao sacudir o manto, deixa cair os pygmeus, que lá se esconderam, na lama d'onde brotaram. *As aquias não saem das capoeiras*, disse, com muita razão o sr. Anthero; mas tambem não basta não sair de uma capoeira para ser aguia. As gallinhas tresmalhadas, que se mettem nos ninhos dos alcantís, podem julgar-se semelhantes ás aves de Jupiter; mas quando se trata de voar, sobem as aquias para o ceu, desabam as gallinhas... no quintal. Cacarejem embora vituperios; os genios, a quem insultam, e aquelles a quem imitam (insulto ainda maior), pairam enlaçados no firmamento, e os zoilos nem terão a triste gloria de ser amarrados por elles ao pelourinho da sua immortalidade.

VENDE-SE

Em LISBOA — Livraria de A. M. Pereira, rua Augusta n.º 50, 52, e nas mais do costume.

PORTO — Livraria da Viuva Moré, e na do sr. Cruz Coutinho.

COIMBRA — Livraria da Viuva Moré.

PREÇO 100 RÉIS

Tambem se acham nas mesmas lojas :

Resposta á carta que o senhor Anthero de Quental dirigiu ao senhor Antonio Feliciano de Castilho, por Manoel Roussado — 100 réis.

O senhor Antonio Feliciano de Castilho e o senhor Anthero de Quental, por Julio de Castilho — 100 réis.

1539

33

BOM-SENSE E BOM-GOSTO

RESPOSTA

À CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

3 11

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO



LISBOA

IMPrensa DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

h

III.^{mo} Sr.

Acabo de ler as obras de v. s.^a, e, pasmado ainda com os raios luminosos que me deram de chapa nos olhos do espirito, pego na penna para expandir os effluvios da minha admiração, como quem abre uma valvula de segurança, para evitar quaesquer detonações d'esta preciosa machina, que em linguagem rasteira se chama homem, e a que v. s.^a nas suas admiraveis *Odes* chama—proscripto rei, mendigo escuro.

Eu aceito esta denominação, apesar de não ser tri-gueiro, e de ter os meus seis vintens.

Não sei se v. s.^a se escandalisa por não lhe dar excellencia, mas eu que me sinto banzado ao elevar a minha palavra até uma das mais brilhantes estrellas da constellação coimbrã, ignoro tambem por falta de uso que tratamento pertence pela Constituição do idealismo aos que voam lá por cima, atra-

vessando os espaços infinitos aonde não chegam as exalações mephiticas do lodaçal mundano, nem o tratado de civilidade, nem as futilidades da grammatica terrena, nem as pequices da metrificacão sublu-nar.

Desculpe-me pois v. s.^a se o não trato como de-vo, acreditando nas espansões sinceras do meu *eu*, que se confessa creado do *eu* de v. s.^a

Ainda não tinha lido as *Odes modernas*, quan-do me chegou ás mãos a carta que v. s.^a escreveu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, a esse caturra intoleravel que teima na guerra desleal contra os in-novadores que vem do norte, annunciando a nova aurora da independencia litteraria, em que serão quebrados os ferros que algemam a idéa, e os seus apostolos rasgarão os horisontes luminosos sem o au-xilio inutil da instrucção secundaria.

Não tinha lido as *Odes* que v. s.^a atirou aos ven-tos da publicidade, e fui logo compral-as, porque a alludida carta tinha chocado a minha alma que para logo concebeu o feto preciosissimo do *ideal*. Fui compral-as, e o proprio livreiro que m'as vendeu, tocado sem duvida pela sublimidade da poesia, e pelo levantamento do espirito que se admira no parto de v. s.^a, envergonhou-se ao dizer-me o preço do li-vro; voltou o rosto, tapou os olhos ao estender a mão tremente ao baixo e villissimo cruzado.

Quanto a mim, sabe Deus o que tambem me cus-tou aquillo!

Ah! não foi dinheiro perdido. Aquelles quatro tos-tões foram sementes da seara nova do meu espiri-to, e os beneficos resultados da sementeira milagrosa

estou-os já sentindo, porque olho desdenhoso para tudo que me cerca, porque já vendi o Dicionario de Moraes que me obstruia a meza do trabalho, porque estou com vontade de trocar os nomes ás coisas, e já me doe o pescoço de olhar lá para cima onde ha montanhas de luz, e aonde o vocabulario é *ad libitum* de quem falla.

Não, não foi dinheiro deitado á rua esse que o livreiro me aceitou envergonhado pelas odes com que eu heide ir remando para as *praias do futuro*, em cojas agoas christolinas se levantarão calices arrendados de saphira e prata que servirão para barcas de banhos, e como a pag. 55 v. s.^a diz :

«Com seu olhar d'amôr quem se vestiu?»

Creio que na poesia d'essas futuras *Deusas dos mares* as vistas purissimas do amôr hão de substituir as camisolas de baeta e as coecas de algodão.

Este arrojio da poesia innovadora faz-me lembrar uma historia que eu peço licença para contar a v. s.^a Dois beberões celebres apostaram entre si que beberia de graça meia canada aquelle que a bebesse sobre comida mais insignificante. O primeiro comeu uma azeitona e despejou o copo, o segundo cheirou uma azeitona e enxugou o *sino grande*.

Entre os selvagens uns vestem-se com tres quartas de panno cru, outros com um bracelete, alguns com um simples búcio, o sr. Anthero do Quental sublime como o homem que cheirou a azeitona veste com um olhar a geração futura.

E não digam os homens da prosa que o vestuario

será então igual para todos, porque a diversidade das *toilettes* imprimiu-a Deus na elegancia visual das creaturas, fazendo dos olhos outros tantos alfaiates. O olhar da virgem formosissima corresponde á thesoura do Keill, a vista ordinaria da mulher do povo será uma especie de remendão de escada.

E como v. s.^a rasga a membrana que envolve o ovario da geração contemporanea, na qual germina o futuro! E o traje da gente voltará á simplicidade primitiva; e o olhar d'amôr tomará o logar da parra nos Apollos de gesso; e os defluxos abandonarão a raça humana; e as lavadeiras fugirão espavoridas em procura de gente que se vista por diverso theor.

Ha de ser a idade dos nús. A completa independencia do pensamento que v. s.^a prega na sua preciosissima carta, não podia deixar de trazer a independencia da pelle humana. A nudez da alma que bate as azas candidas para as regiões do infinito, não podia deixar de ser acompanhada pela nudez do corpo que demanda os bafejos continuados das brizas; porque os tecidos são enfeites e niharias luzidias, como os preceitos banaes da arte o são para o pensamento.

As aspirações de v. s.^a hão de ser realisadas. No futuro a *idéa* será livre, esta rainha esplendida, a que v. s.^a presta o devido culto, pisando as regras de uma orthographia mediocre, para a escrever com I grande, será a denominadora do universo.

Os vates abandonados a si mesmos terão a *elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma*. Tudo será independencia e liberdade, os versos parecerão prosa, como v. s.^a faz

ver em centenares de exemplos taes como o seguinte da 1.^a pagina das Odes Modernas:

•Vae mas ignora sempre quem o leva

e o da pagina 11:

•Deus, não póde durar mais que alguns annos.

Não haverá medição para os versos, como v. s.^a, sublime adivinhador, já faz ver por exemplo no seguinte endecassylabo a pag. 22:

•Da terra e céo bandidos orgulhos. •

As difficuldades estupidas da rima desaparecerão por uma vez; as palavras rimarão consigo mesmo, como por exemplo na seguinte colxea a pag. 23 do precioso livro de v. s.^a:

•É porque um céo maior nos mostre e é nosso,
Esse céo e esse espaço! é tudo nosso!

N'essa idade os Deuses serão rebaixados á condição de letreiros como se vê da seguinte quadra a pag. 43.

•A pallida cohorte dos proscriptos
Que tem nos rostos estampada a fome;
Que em quanto o frio os roe e os consome,
Trazem no coração Deuses escriptos. •

E a regeneração ha de chegar aos dominios da Astronomia. Os raios que até aqui estalavam a pouca altura da terra andarão com as estrellas ao cólo, co-

mo muito bem se póde ver do seguinte verso de
v. s.^a a pag. 47:

•Erguendo um filho, como um raio a estrella. •

Que as leis da gravitação universal serão banidas
adivinha-se pelos seguintes versos a pag. 52:

•Entre os astros, e os astros como atheus
Já não querem mais lei que o infinito.

Os estufadores tomarão parte no systema planetario,
e, o que ainda é mais, os docéis e as bambinellas fi-
carão por debaixo das camas como se conhece da
seguinte quadra a pag. 57:

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor — tendo pendentés
Os astros por docel e cortinado!

E os cometas descerão á nossa atmosphaera e gira-
rão por ella como balões. Vid. pag. 89:

Os cometas que ao ar andam subidos.

E assim como os olhares constituirão o vestuario,
as almas serão chailes-mantas, e os peitos serão trans-
formados em trapesio. Vid pag. 63:

Estendei vossas almas como mantos
Sobre a cabeça d'elles... e do peito
Fazei-lhes o degráu, onde com geito
Possam subir a ver os astros santos...

O sr. Anthero do Quental refere-se aos poetas do futuro, e muito bem fez em recommendar-lhe, o *geito* n'esses vãos de Leotard.

E outras mil coisas hão de acontecer, como v. s.^a, que é o promettido das letras, annuncia brilhantemente á terra e aos astros nas suas admiraveis prophcias.

V. s.^a não pôde conter a indignação quando viu a carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho publicada conjunctamente com o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas, carta em que o traductor de Ovidio alcunhou de nevoeiro e de inatingivel o estylo que fulge lá para as bandas do norte, e que em borbotões de luz ameaça illuminar tudo. V. s.^a indignou-se e veiu lançar por terra esta chancellaria litteraria de Lisboa, aonde só se passam titulos.de capacidade aos insignificantes que não progridem nem innovam como v. s.^a

Diz v. s.^a na sua inimitavel carta: Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio, e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é precioso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa. Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens.»

Isto diz v. s.^a, e como tudo está abalado, a humanidade em dissolução é que v. s.^a tão acremente cen-

sura o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por não acordar ao toque de rebate, por não metter mãos á grande obra do futuro alistando-se sob o commando dos que assentaram as suas trincheiras contra o senso commum, e deixar-se ficar na paz esteril com as suas traducções de Ovidio, com a sua *Primavera*, com os seus *Tratados* de Metrificação.

Emquanto o sr. Castilho assim se conserva inabalavel no meio das ondas revolucionarias, v. s.^a sr. Anthero, famoso Quixote da Poesia, combate pela *Idéa*, e derruba os moinhos de vento que se oppõem á sua passagem.

E ha de vencer, quem tem os arrojos de v. s.^a póde muito bem chamar seu ao mundo.

Refundem-se as crenças antigas e os antigos costumes, por isso v. s.^a começou o seu poema com a particula adversativa *mas*

Mas o homem, se é certo que o conduz.

É este o primeiro verso do seu thesouro de inexgotaveis riquezas. E v. s.^a não pára; a extracção da humanidade viva e formosa precisa de v. s.^a, e por isso o seu novo poema ha de naturalmente começar por *ponto e virgula*.

Ah! abençoados quatro tostões que o livreiro me recebeu envergonhado em troca das deliciosas prophcias de v. s.^a! Já sinto o espirito aberto para o *bello ideal*, e a intelligencia fechada para as secções em que se divide a *grammatica mundana*.

E eu estou desconfiado de que lá em cima por onde v. s.^a anda, isto de se fallar ácerca do impal-

pavel consiste em uma especie de sorteio, como eu já tinha ensaiado antes de haver lido as *Odes Modernas*.

Tinha eu imaginado a Deus dizendo ao Universo a grande missa da criação. Precisava de um pensamento condigno do assumpto e não o achava. Dei-tei n'um chapéo tres palavras em tres papelinhos para ver o que sahia. As palavras eram: *estola*, *veste*, *infinito*, e como estas palavras precisavam de colxetes que as ligassem, dei-tei mais no chapéo em quatro papelinhos differentes o tempero seguinte: *a—do—que—o*.

Chocalhei tudo, tirei ao accaso papelinho por papelinho e sahiu-me:

O que veste a estola do infinito

Bravo! exclamei; e qual foi a minha admiração quando a pag. 39 das Prophecias de v. s.^a encontro exactamente o mesmo verso.

Teria v. s.^a para o fazer usado da mesma giria que eu usei? Creio que sim, creio que a grande musa do accaso, é que é a inspiradora dos vates idealistas que fulguram lá para o norte.

O que veste a estola do infinito

Os reptis do charco immundo da vida dizem naturalmente que é asneira, mas eu estou com v. s.^a, digo que é sublime.

Vão lá tapar a bocca aos maldizentes de Lisboa, os quaes andam por ahí a gritar que deu o mal das

vinhas na litteratura coimbrã, que é preciso serem enxofrados os vates idealistas e innovadores das margens do Mondego, e que ás authoridades de Lisboa cumpre estabelecer o cordão sanitario que nos preserve da invasão da epidemia!

Caminhe v. s.^a, progrida com as suas innovações desentranhando as sociedades do futuro e deixe bradar no deserto estes imbecis. Perdoe-lhes, ill.^{mo} sr. que elles não sabem o que fazem. Ignoram que o que é grande lá em cima por onde v. s.^a anda, é pequeno cá embaixo por onde elles rastejam.

A linguagem transcendental que abre os horisontes immensos do futuro é extranha cá nos arruamentos de Lisboa, e por isso, quando o povo ignaro a escuta na bocca de um ou outro, exclama: *coitadinho, tem aduela de menos.*

Por tudo isto e por muito mais se confessa

De v. s.^a

admirador permanente

M. Roussado.

Das Vates transcendentes
da Escola Coimbra.

Louco. 111

Labello em desalinho, hirsuto e farto,
A face macibenta, o olhar incerto,
Distingue nos vates d' estrangeiro encerto
Que no mundo impingem transcendente parto.

”
Semem nos lepros os bordões d' esparto,
Do mystico arangel rompe o concerto:
Um diz que o sol e' o dia, um maní esperto,
Diz que o Leo e' quintal e o Dem lagarto.

”
Buro de ventos no ar, immoel, hinto,
Clama que o Padre Eterno e' sensimorto,
Dequelle nos vatos chama ethereo myllo.

”
Seivem com esse cantar o vulgo absorto,
Que esse grupo fatal, com viajoa aderito,
Da horta do Ideal regressa torto.

M. B.

1540 354

BOM-SENSE E BOM-GOSTO

RESPOSTA

À CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

SEGUNDA EDIÇÃO AUGMENTADA

E seguida de uma carta sobre o mesmo assumpto

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50 — RUA AUGUSTA — 52

1906

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

RESPOSTA

Á CARTA QUE

O SR. ANTHERO DO QUENTAL

DIRIGIU AO EX.^{mo} SR.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

POR

MANOEL ROUSSADO

SEGUNDA EDIÇÃO AUGMENTADA

E seguida de uma carta sobre o mesmo assumpto



LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50 — RUA AUGUSTA — 52

1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

LISBOA TYP. DE SOUSA NEVES, TRAVESSA DE SANTA CATHARINA, 38
(Ao Correto Geral)

Achando-se de tempo exausta a edição da carta, que sob o titulo *Bom-senso e bom-gosto, resposta ao sr. Anthero do Quental*, escrevera o sr. M. Roussado, determinámos reimprimil-a, para satisfazer ao desejo e exigencias de muitos, que pretendem inteirar em collecção as peças todas deste notavel processo litterario. Ao realisar o proposito occorreu-nos que prestaríamos á curiosidade do publico um agradavel serviço addicionando a esta nova edição uma interessante missiva, que de paiz extranho receberamos ha mezes sobre o assumpto sujeito, e que no voto de pessoas intelligentes a quem a mostramos foi tida por dignissima de vulgarisação, com quanto seu auctor não a destinasse de certo a ver a luz da imprensa. Como pois nem temos auctorisação sua, nem contamos obtel-a, quando a solicitassemos, porque da sua provada modestia só tinhamos a esperar uma recusa formal, ahi a dámos anonyma, e não sem bastante pezar da nossa parte. Os que a lerem melhor poderão julgar se é ou não exacto o conceito que de quem a escreveu expressava não ha muito tempo em obra impressa um dos nossos escriptores de maior vulto, qualificando-o de «mancebo tão «erudito como talentoso, que deve exclusivamente á mais «firme e honrosa vontade, e aos seus unicos recursos o largo «adiantamento litterario a que vai subindo, e que promette «ás letras patrias um primoroso cultor.»

E d'aqui lhe pedimos desculpa, se n'isto o offendemos.

Lisboa 11 de junho de 1866.

O EDITOR.

ILL.^{mo} SR.

Acabo de ler as obras de v. s.^a, e, pasmado ainda com os raios luminosos que me deram de chapa nos olhos do espirito, pegò na penna para expandir os efluvios da minha admiração, como quem abre uma valvula de segurança, para evitar quaesquer detonações d'esta preciosa machina, que em linguagem rasteira se chama homem, e a que v. s.^a nas suas admiraveis *Odes* chama—proscripto rei, mendigo escuro.

Eu aceito esta denominação, apesar-de não ser trigueiro, e de ter os meus seis vintens.

Não sei se v. s.^a se scandalisa por não lhe dar *excellencia*, mas eu que me sinto banzado ao elevar a minha palavra até uma das mais brilhantes estrellas da constellação coimbrã, ignoro tambem por falta de uso que tratamento pertence pela Constituição do Idealismo aos que voam lá por cima, atravessando os espaços infinitos aonde não chegam as exhalações mephiticas do lodaçal mundano, nem o tratado de civilidade, nem as futilidades da grammatica terrena, nem as pequices da metrificação sublunar.

Desculpe-me pois v. s.^a se o não trato como devo, acreditando nas espansões sinceras do meu *eu*, que se confessa humilde creado do *eu* de v. s.^a

Ainda não tinha lido as *Odes modernas*, quando me chegou ás mãos a carta que v. s.^a escreveu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, a esse caturra intoleravel que teima na guerra desleal contra os innovadores que vem do norte, annunciando a nova aurora da independencia litteraria, em que serão quebrados os ferros que algemam a *Idéa*, e os seus apóstolos rasgarão os horisontes luminosos sem o auxilio inutil da instrucção secundaria.

Não tinha lido as *Odes* que v. s.^a atirou aos ventos da publicidade, e fui logo compral-as, porque a alludida carta tinha chocado a minha alma, que para logo concebeu o feto preciosissimo do *Ideal*. Fui compral-as, e o proprio livreiro que m'as vendeu, tocado sem duvida pela sublimidade da poesia, e pelo levantamento do espirito que se admira no parto de v. s.^a, envergonhou-se ao dizer-me o preço do livro; voltou o rosto, tapou os olhos ao estender a mão trememente ao baixo e vilissimo cruzado.

Quanto a mim, sabe Deus o que tambem me custou aquillo!

Ah! não foi dinheiro perdido. Aquelles quatro tostões foram sementes de seara nova do meu espirito, e os beneficos resultados da sementeira milagrosa estou-os já sentindo, porque olho desdenhoso para tudo que me cerca, porque já vendi o Diccionario de Moraes que me obstruia a meza do trabalho, porque estou com vontade de trocar os nomes ás coisas, e já me doe o pescoço de olhar lá para cima onde ha montanhas de luz, e aonde o vocabulario é *ad libitum* de quem falla.

Não, não foi dinheiro deitado á rua esse que o livreiro me aceitou envergonhado pelas odes com que eu hei de ir remando para as *praias do futuro*, em cujas agoas cristallinas se levantarão calices arrendados de saphira e prata, que servirão para barcas de banhos, e como a pag. 55 v. s.^a diz:

•Com seu olhar d'amôr quem se vestiu?•

Creio que na poesia d'essas futuras *Deusas dos mares* as vistas purissimas do amôr hão de substituir as camisolas de haeta e as coecas de algodão.

Este arrojto da poesia innovadora faz-me lembrar uma

historia que eu peço licença para contar a v. s.^a Dois be-berrões celebres apostaram entre si que beberia de graça meia canada aquelle que a bebesse sobre comida mais insi-gnificante. O primeiro comeu uma azeitona e despejou o copo, o segundo cheirou uma azeitona e enxugou o *sino grande*.

Entre os selvagens, uns vestem-se com tres quartas de panno crú, outros com um bracelete, alguns com um sim-ples búcio, o sr. Anthero do Quental, sublime como o ho-mem que cheirou a azeitona, veste com um olhar a geração futura.

E não digam os homens da prosa que o vestuario será então igual para todos, porque a diversidade das *toilettes* imprimiu-a Deus na elegancia visual das creaturas, fazendo dos olhos outros tantos alfaiates. O olhar da virgem formo-sissima corresponde á thesoura do Keill, a vista ordinaria da mulher do povo será uma especie de remendão de escada.

E como v. s.^a rasga a membrana que envolve o ovario da geração contemporanea, na qual germina o futuro! E o trajo da gente voltará á simplicidade primitiva; e o olhar d'amor tomará o lugar da parra nos Apollos de gesso; e os defluxos abandonarão a raça humana; e as lavadeiras fugi-rão espavoridas em procura de gente que se vista por di-verso teor.

Ha de ser a edade dos nú. A completa independencia do pensamento, que v. s.^a prega na sua preciosissima carta, não podia deixar de trazer a independencia da pelle huma-na. A nudez da alma, que bate as azas candidas para as re-giões do infinito, não podia deixar de ser acompanhada pela nudez do corpo, que demanda os bafejos continuados das brizas; porque os tecidos são enfeites e ninharias luzidias, como os preceitos banaes da arte o são para o pensamento.

As aspirações de v. s.^a hão de ser realisadas. No futu-ro a *Idéa* será livre: esta rainha esplendida, a que v. s.^a presta o devido culto, pisando as regras de uma orthogra-phia mediocre, para a escrever com I grande, será a domi-nadora do universo.

Os vates abandonados a si mesmos terão a *elevação mo-ral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma*. Tudo será independencia e liberdade, os versos parecerão

prosa, como v. s.^a faz ver em centenaes de exemplos taes como o seguinte da 1.^a pagina das Odes Modernas:

• Vai, mas ignora sempre quem o leva

e o da pagina 11:

• Deus, não pôde durar mais que alguns annos.

Não haverá medição para os versos, como v. s.^a, sublime adivinhador, já faz ver por exemplo no seguinte hendecasyllabo:

• E como o que n'uma mina vai de bruços;

Ou n'est'outros, não menos significativos:

• Do pôr do sol astrônomos do passado....

• A aurora é o sursum corda do universo....

• Este, e aquelle deixal-o em meio da rua.....

As difficuldades estupidas da rima desaparecerão por uma vez; as palavras rimarão comsigo mesmas, como por exemplo na seguinte colxoa a pag. 23 do precioso livro de v. s.^a:

• É porque um céu maior nos mostre, e é nosso,
Esse céu e esse espaço! é tudo nosso!

N'essa idade os Deuses serão rebaixados á condição de le-treiros, como se vê da seguinte quadra a pag. 43.

• A pallida cohorte dos proscriptos
Que tem nos rostos estampada a fome;
Que em quanto o frio os roe e os consome,
Trazem no coração Deuses escriptos.

E a regeneração ha de chegar aos dominios da Astronomia. Os raios andarão com as estrellas ao cóllo, como muito bem se pôde ver do seguinte verso de v. s.^a a pag. 47:

• Erguendo um filho, como um raio a estrella. •

Que as leis da gravitação universal serão banidas, adivinha-se pelos seguintes versos a pag. 52:

•Entre os astros, e os astros como atheus
Já não querem mais lei que o infinito.

Os estofadores tomarão parte no systema planetario, e, o que ainda é mais, os docéis e as bambinellas ficarão por debaixo das camas, como se conhece da seguinte quadra a pag. 57:

•Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor—tendo pendentés
Os astros por docel e cortinado!

E os cometas descerão á nossa atmospherá e girarão por ella como balões: Vid. pag. 89:

•Os cometas que ao ar andam subidos.

E assim como os olhares constituirão o vestuario, as almas serão chailes-mantas, e os peitos serão transformados em trapésio. Vid. pag. 63:

•Estendei vossas almas como mantos
Sobre a cabeça d'elles... e do peito
Fazei-lhes o degrau, onde com geito
Possam subir a ver os astros santos...

O sr. Anthero do Quental refere-se aos poetas do futuro, e muito bem fez em recommendar-lhes o *geito* n'esses vãos de Leotard.

E outras mil coisas hão de acontecer, como v. s.^a, que é o promettido das letras, annuncia brilhantemente á terra e aos astros nas suas admiraveis prophcias.

V. s.^a não pôde conter a indignação quando viu a carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho publicada conjunctamente com o *Poema da Mocidade* do sr. Pinheiro Chagas, carta em que o traductor de Ovidio alcunhou de nevoeiro e de inatingivel o estylo que fulge lá para as bandas do

norte, e que em borbotões de luz ameaça illuminar tudo. V. s.^a indignou-se e veiu lançar por terra esta chancellaria litteraria de Lisboa, aonde só se passam titulos de capacidade aos insignificantes que não progridem, nem innovam como v. s.^a

Diz v. s.^a na sua inimitavel carta: «Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoram-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio, e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrahir uma humanidade viva, sã, crente e formosa. Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens.»

Isto diz v. s.^a, e como tudo está abalado, e a humanidade em dissolução, é que v. s.^a tão acrememente censura o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por não acordar ao toque de rebate, por não metter mãos á grande obra do futuro alistando-se sob o commando dos que assentaram as suas trincheiras contra o senso commum, e deixar-se ficar na paz esteril com as suas traducções de Ovidio, com a sua *Primavera*, com os seus *Tratados* de Metrificação.

Emquanto o sr. Castilho assim se conserva inabalavel no meio das ondas revolucionarias, v. s.^a sr. Anthero, famoso Quixote da Poesia, combate pela *Idéa*, e derruba os moinhos de vento, que se oppõem á sua passagem.

E ha de vencer: quem tem os arrojos de v. s.^a póde muito bem chamar seu ao mundo.

Refundem-se as crenças antigas e os antigos costumes, por isso v. s.^a começou o seu poema com a particula ad-versativa *mas*

«Mas o homem, se é certo que o conduz.

É este o primeiro verso do seu thesouro de inexgotaveis riquezas. É v. s.^a não pára; a extracção da humanidade viva e formosa precisa de v. s.^a, e por isso o seu novo poema ha de naturalmente começar por *ponto e virgula*.

Ah! abençoados quatro tostões que o livreiro me rece-

heu envergonhado em troca das deliciosas prophcias de v. s.^a! Com a leitura das obras do sr. Quental a humanidade ha de brevemente sentir o espirito aberto para o *bello ideal*, e a intelligencia fechada para as secções em que se divide a grammatica mundana.

E eu estou desconfiado de que lá em cima por onde v. s.^a anda, isto de se fallar ácerca do impalpavel consiste em uma especie de sorteio, como eu já tinha ensaiado antes de haver lido as *Odes Modernas*.

Tinha eu imaginado a Deus dizendo ao Universo a grande missa da creação. Precisava de um pensamento condigno do assumpto e não o achava. Deitei n'um chapéo tres palavras em tres papelinhos para ver o que sahia. As palavras eram: *estola, veste, infinito*, e como estas palavras precisavam de colchetes que as ligassem, deitei mais no chapéo em quatro papelinhos diferentes o tempero seguinte: *a—do—que—o*.

Chocalhei tudo, tirei ao acaso papelinho por papelinho e sabiu-me:

•O que veste a estola do infinito:

Bravo! exclamei; e qual foi a minha admiração quando a pag. 39 das prophcias de v. s.^a encontro exactamente o mesmo verso!

Teria v. s.^a para o fazer usado da mesma giria que eu usei? Creio que sim, creio que a grande musa do acaso, é que é a inspiradora dos vates idealistas que fulguram em Coimbra.

•O que veste a estola do infinito (!)

Os reptis do charco immundo da vida dizem naturalmente que é asneira, mas eu estou com v. s.^a, digo que é sublime.

Vão lá tapar a bocca aos maldizentes de Lisboa, os quaes andam por ahi a gritar que deu o mal das vinhas na litteratura coimbrã, que é preciso serem enxofrados os vates idealistas e innovadores das margens do Mondego, e que ás authoridades de Lisboa cumpre estabelecer o cordão sanitario que nos preserve da invasão da epidemia!

Caminhe v. s.^a, progrida com as suas innovações desentranhando as sociedades do futuro; e deixe bradar no deser-

to estes imbecis. Perdoe-lhes, ill.^{mo} sr., que elles não sabem o que fazem. Ignoram que o que é grande lá em cima por onde v. s.^a anda, é pequeno cá em baixo por onde rastejam.

A linguagem transcendental que abre os horisontes immensos do futuro é extranha cá nos arruamentos de Lisboa, e por isso, quando o povo ignaro a escuta na bocca de um ou outro, exclama: *coitadinho, tem aduela de menos.*

Eu porém, que os admiro, peço licença para erguer-lhes aqui um monumentosinho no seguinte

SONETO

Cabello em desalinho, hirsurto e farto,
A face macilenta, o olhar incerto,
Distingue uns vates d' estrangeiro enxerto,
Que ao mundo impingem transcendente parto.

Tremem nas lyras os bordões de esparto
Do mystico aranzel rompe o concerto;
Um diz que o sol é hostia, um mais esperto
Diz que o céo é quintal e o Deus lagarto.

Outro de ventas no ar, immovel, hirto,
Clama que o Padre Eterno é semimorto,
Aquelle aos astros chama ethereo myrtho.

Deixam com seu cantar o vulgo absorto,
Que esse grupo fatal, com magoa advirto,
Das hortas do *Ideal* regressa torto.

Por tudo e por muito mais se confessa

De v. s.^a

admirador permanente

MANOEL ROUSSAÑO.

CARTA AO EDITOR

.... SR. A. M. PEREIRA

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1866.

Agradeço a v. ter-se lembrado de mim com a remessa do folheto *Bom-senso e bom-gosto*, accudindo d'este modo á natural impaciencia em que previu que eu ficaria por tomar conhecimento da questão.

Egual favor desejarei merecer-lhe sempre que alguma novidade como esta, e a do casamento civil, venha pôr em alvorôço a *republica das lettras*, republica em todo o rigor do sentido popular que damos á palavra. Eu sou, já de annos, por gosto e systema, colleccionador d'estas *curiosidades litterarias*. Bem o sabe v. , que tanto me tem ajudado na minha inoffensiva paixão, pois é aos seus pacientes esforços que principalmente devo o ver a esta hora tão medrados alguns corpos de processos celebres, taes como *Verdadeiro Methodo de Estudar, Camões e José Agostinho, Eu e o Clero, Ordens religiosas, Irmãs da charidade, União Iberica, Pena de morte, Biblias protestantes, etc.* Por isso mesmo recommendo instantemente a v. que não deixe de enviar-me o que fôr apparecendo, não só com referencia a qualquer dos assumptos notados, mas ainda á *Vida de Jesus* de Renan, ao padroado do Oriente, ao folheto do *Bom-senso*, e bem assim tudo o que houver agora publicado sobre a questão do casamento civil.

Dizem-me que o folhetim do sr. Pinheiro Chagas em resposta aos innovadores de Coimbra, saiu avulso, e eu desejava obter a todo o preço um exemplar.

Quanto a mim é a cousa mais substancial que até aqui se tem escripto, posto haja paginas excellentes, pelo vigor e pela eloquencia, no folheto do sr. Julio de Castilho, e rasgos de humor caustico deliciosos no do sr. Roussado. O folhetim do sr. Teixeira de Vasconcellos accende uma vela a Deus e outra ao diabo. Aos seus olhos o auctor das *Odes modernas* mede a mesma estatura do sr. A. F. de Castilho, e entre um e outro nome o folhetim não ousa decidir-se! As *Theocracias Litterarias*, essas parecem-me a composição mais pifia, mais peca, e mais sêcca que a polemica tem brotado de si.

O sr. conselheiro Castilho terminou a publicação das dez cartas sobre a *eschola coimbran.* São o commentario lacerante de muitos dos infinitos disparates em que enxameiam as produções do sr. Quental. Depois d'esta formidavel fustigação seguia-se a vez do sr. Theophilo Braga. Pudemos porém persuadir o sr. Castilho a gastar *oleum et operam* mais proveitosamente.

Eu sou um admirador sincero dos talentos poeticos do auctor da *Visão dos Tempos*. Intendo, porém, como toda a gente, que os seus escriptos em verso não teem a *intenção*, o alcance philosophico, que o poeta lhes quer attribuir, e creio que sem os apparatus de que elle os precede, sem as estheticas, as tricolomias, as asceses, as geneses, as syndereses, as relatividades e as absolutividades, os symbolismos telluricos e as expressões morphicas, o publico lh'os accetaria e applaudiria de muito melhor grado.

Qual é o homem de mediana erudição em Portugal, que, pondo deante dos olhos, não digo já as *Antiguidades do direito allemão*, mas simplesmente a obra com que Michelet tornou conhecido o livro de Grimm, não seria capaz de escrever ácerca das origens a que se conveio em chamar poeticas do direito portuguez uma obra mais farta, mais instructiva, e sobretudo muito mais amena que a do sr. Theophilo Braga?

Apezar do mau estylo em que são escriptos, ha merecimento—quem o nega?—nos seus artigos de litteratura por-

tugueza. Mas, já o sr. Pinheiro Chagas o disse, esses artigos não dão um passo para além dos prologos de Garrett. Veja-se por exemplo o que versa sobre a lenda do Fausto: A idéa mãe deparou-lh'a um dito das *Viagens na minha terra*: a obra franceza de Maury sobre as *Lendas da idade-média*; o drama de Marlowe na versão franceza do filho de V. Hugo, e a versão franceza da *Mystica* de Goerres fizeram o resto. Quem tiver visto na sua nova edição a *Histoire de la littérature du colportage* de Carlos Nisard, pasma necessariamente da penuria do artiguito ácerca da *litteratura de cordel*. Entretanto, com que facilidade e felicidade, com que graça, com que sabor não foi o assumpto indicado por Garrett á frente do jornal *A Illustração*? A que se reduzem pois as invenções do sr. Theophilo Braga? Quaes são os systemas, os *pontos de vista* novos, os factos que elle não achasse já apurados ás margens do Sena pelos seus auctores preferidos? Um: a influencia do cyclo greco-romano na poesia portugueza, que o illustre critico foi estudar a Cascaes, d'onde nol-a trouxe comprovada (a tal influencia e tambem a tradição da vinda de Ulysses) com um documento incontrastavel, um documento historico gravissimo e vetustissimo—as decimas que principiam:

«Ulysses, heroe matreiro,
Andava apanhando ninhos,
E vendia os passarinhos
Por avultado dinheiro...!!!

Voltando porém, ao folheto do *Bom-senso*. Que reprehende o sr. A. F. de Castilho á eschola de Coimbra? A escuridade dos conceitos e da linguagem. A este, o verdadeiro, o unico ponto da questão, com que responde o sr. Quental? Com um rol de nomes de auctores forasteiros—Quinet, Littré, Proudhon, Taine, etc.

Mas Taine, Littré, Quinet e Renan são clarissimos. Mas á summa elegancia, á perspicuidade suprema do seu estylo deveu Proudhon a diffusão das suas *idéas revolucionarias*, das suas doutrinas, dos seus paradoxos destruidores. Os mesmos dotes nas obras que firmaram a reputação de Michelet, o qual apenas em algum livro moderno (*Sorcière, Bible de l'humanité*) me parece deslizar d'essa grande virtude

da clareza, a que elle proprio chama a *probidade das linguas*, e que com muito mais razão deve ser a proibidade do escriptor.

Se no idioma proprio Stuart Mill se nos affigura menos limpido que nas paginas de Dupont-White, a culpa não a imputemos a elle, mas ao nosso escasso inglez. Dos auctores allemães não fallo. Os innovadores de Coimbra leem-nos em francez como eu leio alguns, sem que por isso me declare alistado na legião dos *pequenos deuses bastantemente satisfactorios, que substituíram Jehovah, o defuncto Senhor dos Exercitos*. E tanto é verdade que só em francez os leem, que o sr. Quental até os cita em francez, como se pôde ver nas *Odes modernas*, a pag. 6.

Ora, dos escriptores tenebrosos com que a eschola de Coimbra se defende, qual é o que, fóra da circumscripção geographica do seu paiz, em França por exemplo, conseguiu fazer-se recebido, sem se subordinar ás exigencias do espirito d'aquella nação; sem se transformar, sem se accommodar ao «gosto francez?»

Ferrari enriquecera de notas explicativas a sua edição da *Sciencia Nova*; os principios d'este livro tinham sido expostos por Ballanche; e todavia o nome de Vico permaneceu ignorado até ao momento em que Michelet tomou a si explicar e vulgarisar as suas idéas. O estylo das obras allemãs de H. Heine é por ventura o das versões feitas a seus olhos, ou o das obras escriptas annos mais tarde em Paris?

Quanto á *Symbolica* de Guigniaut, sabe-se que é antes um labor de interpretação original do que a versão da obra de Kreuzer. Vera, o traductor da *Philosophia da natureza*, viu que não bastava dar em francez as obras de Hegel. Eil-o logo a repetir explanação sobre explanação, volume sobre volume — *Introdução á Logica, Commentario perpetuo, Introdução á Philosophia, O hegelianismo e a philosophia* — que servissem de glossa e fossem um passaporte dos escriptos do reformador de Stuttgartard... Pois nem assim creio que conseguisse melhorar em nossos dias a posição do seu auctor, o qual bem se conhecia, e como tal, diz um critico francez, *se plaignait, de son vivant, de n'avoir été compris que par un seul disciple, qui même l'avait mécompris*. — Mas, quer v. um exemplo mais vivo da difficuldade com que se fazem acci-

tas ao resto da Europa as especulações, as caligens da philosophia germanica? A versão da *Vida de Jesus* de Strauss, publicada em 1839, só dezesepte annos depois teve segunda edição. E comtudo o traductor chamava-se Emilio Littré.— Apparece em 1863 a obra de Rénan, obra condemnada pelo proprio Proudhon (*Du principe de l'art*, 1.º volume das obras posthumas) e pelos racionalistas da Allemanha, obra cem vezes inferior, em valor scientifico, á de Strauss, e em cinco mezes exhaurem-se nove edições! O estylo fizera a reputação d'esse livro inconsistente e contradictorio, prenhe de phrases dubitativas, de allegações falsas e de risiveis conjecturas.—Mas não é tudo. Na mesma lingua, de francez para francez, se tem visto serem ás vezes necessarios estes trabalhos de traducção—o trabalho de Dumas filho vertendo na admiravel lingua dramatica do *Supplicio de uma mulher* a concepção absurda de E. de Girardin.—Assim é que as diffusas e obscuras theorias do fundador do positivismo, Augusto Comte, careceram de ser depuradas, resumidas e aclaradas pela elegante penna de Littré, sem o que parece que ainda hoje o não intenderiam no seu paiz.

Mas agora reparo, que tenho levado a tagarelar sem tom nem som por todo este papel. Cinjo-me já á resposta das cartas de v. , e peço desculpa da minha enfadonha verbiagem.

Confrontando a sua correspondencia com a conta corrente que me acaba de enviar, vejo (*Omitte-se o resto da carta, por versar exclusivamente sobre negocios de interesse particular e commercial*).

Sempre

De v.

Amigo e obrigadissimo creado

M.....

CATALOGO CHRONOLOGICO

DOS OPUSCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE

SOBRE A

QUESTÃO LITTERARIA

- 1—**A. F. de Castilho**—Carta ao editor A. M. Pereira sobre o *Poema da Mocidade*, impressa no fim do poema, 1 vol. brox. 600
- 2—**Anthero do Quental**—Bom senso e bom gosto, carta ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, 3.^a edição, br. 100
- 3—**M. Pinheiro Chagas**—Bom senso e bom gosto, folhetim a proposito da carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. A. F. de Castilho 100
- 4—**Manuel Roussado**—Bom senso e bom gosto, resposta á carta que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho, 2.^a edição augmentada, e seguida de uma carta sobre o mesmo assumpto, br. 100
- 5—**Elmano da Cunha**—Carta em resposta a outra bom senso e bom gosto dirigida por Anthero do Quental ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho o incomparavel traductor dos Fastos de Ovidio, obra em que se faz o confronto de Romulo e Jesus-Christo, offerecida ao incomparavel duque de Saldanha, br. 100
- 6—**Julio de Castilho**—O sr. Antonio Feliciano de Castilho e o sr. Anthero do Quental, 2.^a edição, br. 160
- 7—**Theophilo Braga**—As theocracias litterarias, br. 100
- 8—**Anthero do Quental**—A dignidade das letras e as litteraturas officiaes, br. 160
- 9—**Rui de Porto Carrero**—Lisboa, Coimbra e Porto e a questão litteraria.—A carta do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e Julio de Castilho, 2.^a edição, br. 160
- 10—**A. Ferreira de Freitas**—Os litteratos em Lisboa—poemeta illustrado por Jeronymo da Silva Motta, bacharel nas faculdades de theologia e direito, br. 240
- 11—**Amaro Mendes Gaveta**—O mau senso e o mau gosto—Carta mui respeitosa ao ex.^{mo} sr. A. F. de Castilho em que se falla de todos e de muitas pessoas mais, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro, br. 100
- 12—**S. de A.**—Bom gosto e bom senso—Carta de boas festas a Manuel Roussado, br. 100
- 13—**J. D. Ramalho Ortigão**—Litteratura de hoje, br. 200

14— Camillo Castello Branco —Vaidades irritadas e irritantes—opusculo ácerca de uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria, br.	200
15— Augusto Malheiro Dias —Castilho e Quental—reflexões sobre a actual questão litteraria, br.	100
16— Urbano Loureiro —Questão de palheiro; Coimbrões e lisboetas, br.	100
17— Ermíta do Chiado —Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã, ou dissertação ácerca da genealogia da moderna escola, contendo um esboço rapido e pittoresco da litteratura contemporanea, br.	100
18— G. F. —A litteratura ramalhuda a proposito dos srs. Castilho e Ramalho Ortigão, br.	100
19— A. F. de Castilho e J. A. de Freitas e Oliveira —A questão litteraria—a proposito do jazigo de José Estevão, br.	80
20— José Francisco —Os coimbrões; questão em que tambem entra pelos cem reis, José Francisco, caiador da rainha do Congo; com uma dedicatoria por Diogo Bernardes, br.	100
21— José Feliciano de Castilho —A escola coimbrã.—Cartas ao redactor do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro, 1. ^a serie, br.	100
22— Dito —idem, idem, 2. ^a serie.	100
23— Eduardo A. Vidal —Guelfos e gibelinos. Tentativa critica sobre a actual polemica litteraria, br.	100
24— P. W. de Brito Aranha —Bom senso e bom gosto. Humilde parecer com uma carta do ex. ^{mo} sr. A. F. de Castilho, br.	100
25— Eduardo Salgado —Litteratura de amanhã, duas palavras ao sr. Anthero do Quental, br.	100
26— Carlos Borges —Penna e espada, duas palavras ácerca da <i>Litteratura de hoje</i> , de Ramalho Ortigão br.	100
27— Anonymo —Anthero do Quental, e Ramalho Ortigão, br.	100
28— Anonymo —O tyrannete Quental e Ortigão. <i>Verso</i> , br.	100
29— Sachristão —Analyse critica, rapida, despretençiosa, feita ao folheto intitulado <i>Garrett, Castilho, Herculano e a escola coimbrã pelo Ermíta do Chiado</i> , br.	100
30— A. A. Teixeira de Vasconcellos—A. F. de Castilho—A. Osorio de Vasconcellos —Sobre a questão coimbrã, br.	100
31— Sombra de Cicero —Verdadeira luz derramada na questão litteraria, e supremo remate a ella, br.	100
32— Antonio Peixoto do Amaral —Litteratura de hontem, ou breves reflexões sobre a questão litteraria, br.	100
33— A. M. da Cunha Belem —Horacios e Curiacios, ou mais um ponte virgula na actual questão litteraria, br.	100
34— Lisboeta convertido —A aguia no ovo e nos astros, sive a escola coimbrã na sua aurora e em seu zenith, 2 folhetos (1. ^a e 2. ^a parte), br.	200

1511

4

CARTA

DE
ELMARIO DA CUNHA

EM RESPOSTA A OUTRA

BOM-SENSENTO E BOM-SENSENTO

DIRIGIDA POR

ANTHERO DO QUENTAL

EM COLLABORAÇÃO COM

ANTONIO FELICIANO DE CASTRO

EDITORA LUCAS LACERDA, RUA DO OURO, 100, SÃO PAULO, SP
DISTRIBUIDORA: COMPANHIA BRASILEIRA DE EDITORAÇÃO, RUA DO OURO, 100, SÃO PAULO, SP
COPILADO POR ANTONIO FELICIANO DE CASTRO

COIMBR

1965

1865

CARTA

DE

ELMANO DA CUNHA

EM RESPOSTA A OUTRA

BOM-SENSO E BOM-GOSTO

DIRIGIDA POR

ANTHERO DO QUENTAL

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

O INCOMPARAVEL TRADUCTOR DOS FASTOS DE OVIDIO

OBRA EM QUE SE FAZ O CONFRONTO DE ROMULO E JESUS-CHRISTO

OFFERECIDA AO INCOMPARAVEL

DUQUE DE SALDANHA .



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Em Coimbra: ás 5 horas da madrugada do dia 20 de novembro de 1865; ao concluir um innocente e util trabalho em que se pretende demonstrar, que ao cantar da *segunda* cigarra de Anacreonte, sob a copa da frondosa olaia do Saturno portuguez, se está forjando o dogma da infallibilidade litteraria do sobredito senhor; proclamando o dom da inerrancia do mesmo; resuscitando um odio velho contra a universidade de Coimbra; condemnando o producto espontaneo do trabalho intellectual, livre e independente; fazendo sordida mercancia do futuro — *a quem mais der* — ; permutando a lisonja vilan pelos 30 dinheiros pharisaicos; transigindo ignominiosamente com as paixões egoistas da actualidade a troco das ovações da burguezia, senhora das situações prosperas e beneficentes.

Amigo—Em que cyclo social andaram os talentos d'esta, ou de outra qualquer terra, pela arreata das auctoridades?!...

Em que geração andaram aguadeiros litterarios, com os canecos do genio ás costas, dessedentando os sequiosos de verdade e inspiração, aspergindo a agua lustral no seio das multidões, fornecendo as fontes do espirito publico, pregoando a *superior qualidade* do producto litterario ou scientifico nacional, porque traz a marca d'alfandega — A. F. C.?!...

.....

Pobres dos pilotos da humanidade se, tendo, através da esteira dos tempos, que vão cahindo nos abysmos do passado, conduzido as civilisações com a unica bussola do seu livre alvedrio, têm no seculo XIX de fazer a figura de amphoras humanas nas mãos do primeiro aguadeiro ambicioso!?

A mim, que fui embalado com os primeiros vagidos da eschola liberal, a unica que tem as regalias, os privilegios, os foros da independencia, a unica, que tem um axioma por principio, tinham-me dito, que a liberdade de toda a industria humana é a primeira condição do seu desinvolvimento e progressos; que o principio da responsabilidade individual é o primeiro motor do bello, do grande, do util, do ideal; que o prysma social tem apenas algumas faces, que reflectem já a septiforme côr da aurora boreal do futuro, e infinitas que, os que nos precederam, deixaram na obscuridade, e que é forçoso clarear de viva luz; que ao livre trabalho do pensamento incumbe esta tarefa civilisadora; que a da «mercancia por avariza, das lettras por vaidade, dos litigios prolongados por caprichoso empenho», tem sido a thenia enorme que, inoculando-se no coração das sociedades, vai seccando as fontes da moralidade, viciando e prevertendo os abundantes succos nutritivos da arvore do bem, torcendo vigorosos musculos sociaes, prostituindo a mulher, desatando os vinculos da familia, — o fogo sagrado do Estado, — dividindo os interesses da communa, semeando a descrença e o desconforto nos órgãos da nacionalidade.

A mim tinham-me dito principalmente, que a suprema fórmula de todo o homem, é a sua moralidade e independencia; que esta consistia em ser cada um responsavel pelo que pensa perante Deus, pelo que sente perante a sua consciencia, pelo que escreve, pelo que diz perante a sociedade.

Seria eu victima de um embuste grosseiro? Enganar-me-iam os apóstolos do Evangelho da liberdade a mim, que, sincero, puro e innocente, os escutava em religioso silencio, nma quasi que idolatria?!

Tu, meu amigo, dizes-me que não; que o facto pôde trazer uma abjecção moral, uma torpeza de todo o ponto condemnavel, mas que isto não é mais que um accidente, susceptivel de correcção e exemplo: que a these é a que bebemos com o leite da nova mãe social, aquella que me con-

vida a junctar hoje ao teu nome «quasi desconhecido» o meu que apenas consta de um assento de baptismo que nunca ninguém leu.

Deixo-o ahí escripto por duas considerações sómente; a primeira como protesto, a segunda como cautela; a primeira, porque juro viver e morrer á sombra da bandeira de Jules Simon, por nenhum preço á sombra da copa da olaia de Antonio Feliciano de Castilho, que respeito comó talento, como homem que «*por entre os edificadores do futuro qnda estudando o passado*», que detesto como character, e como traficante convicto de cambio litterario: a segunda porque sei que verdades amargas magoam o alifafe moral de consciencias vulneraveis; porque sei que o principio da auctoridade, a immodestia immoderada, a vaidade impertinente, a consciencia da suprema gloria e do ultimo laudo em bom-senso e em bom-gosto são entidades congenitas do principio da irritabilidade, e porque finalmente os desvios da má indole e as paixões violentas da soberba indomavel e indelicada poderiam *tosquiar* algum camélo ou *fraco* ou *innocente*.

Postas as cousas a esta luz, benefica para quem se alluviar d'ella no interesse do futuro e dos tibios do proprio campo, conversemos um pouco.

Eu não quiz ler o escripto de *Antonio Feliciano de Castilho* no livro do sr. *Pinheiro Chagas*—*Poema da mocidade*—onde a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto se citam os nomes illustres—*Theophilo Braga*—*Vieira de Castro*, e o teu «quasi desconhecido», e se *tosquia* sem clemencia nem piedade, com odio, com azedume, a chamada eschola litteraria de Coimbra, eschola que não existe, *camélo* imaginario, *camélo* creado pelo sr. Castilho nas suas *segunda e terceira intenção*. Façamos justiça á pontaria do genio. Encadernado na mais esplendida capa litteraria, que jámais vimos, está o homem, que, fazendo fogo de caçador esperto, atira a dois alvos ao mesmo tempo. É esta a verdade, isto o que é preciso ver e definir detalhadamente.

Eu não quiz ler, por ter lido a—*conversação preambular*—do D. Jayme, do sr. Thomaz Ribeiro.

Era razão de sobejo.

Conheci o sr. Thomaz Ribeiro antes do seu poema, e o poema depois, que me deliciei eu com o ouvir recitar ao pro-

prio auctor em 1860 na sociedade do dr. Antonio de Oliveira Silva Gaio; á sombra da copa de nenhuma olaia, não; no seio da estima não mercadejada, da admiração desinteressada, da livre apreciação, sim.

Que o auctor fora bafejado no berço por espiritos bons, fadado para destinos melhores ainda, para uma independente e mais que muito justa reputação litteraria, soubemo-lo, e dissemol-o nós então.

O sr. Thomaz Antonio Ribeiro nascera tambem no seio da eschola liberal, ou, o que mais val, acceitára por amor e convicção o principio na sua accepção mais larga, na sua concepção mais absoluta, curando menos dos preceitos, e ainda menos dos preconceitos de eschola. Muito intelligente, soube ser livre, tirou de si seus recursos, trabalhou por sua conta e risco. Na pia baptismal do trabalho purificou as suas crenças como homem e como escriptor, fortaleceu a sua religião social e litteraria, não pedindo inspiração mais do que á fonte commum, a propria natureza e a das cousas, alentos senão á vontade, que o trabalhava, confortos senão á propria consciencia, elevação e independencia sómente á sua dignidade, consolações sómente á maxima expressão de todo o homem, a sua *moralidade*.

Em 1860 pensavamos nós assim... Quem, quem havia de proferir a blasphemia atroz, que o sr. Thomaz Ribeiro teria de sujeitar a sua bella criação poetica ao insulto hypocrita da *primeira cigarra* de Anacreonte? Quem, conhecendo o character do illustre escriptor, havia de suppor que para tanto e tão pouco tivera bondade, modestia, terrores vagos, receios infundados?!...

A nebulosa, a vaga, a astuta, a matreira, a equivocada — *conversação preambular* — dera-nos a medida de uma prostituição e de uma infamia; aquella de um, justificada, até certo ponto, e fertil de secundos ensinamentos a futuros escriptores; esta de outro, que, tendo um nome já grande, carece de um outro nome para ser quanto merece.

Saturnus exultavit; flevit honor. Saturnus exultavit cum maerore et luctu, como sempre.

Um obreiro de menos, uma iniciativa de mais: um successo a meio caminho, porque a inveja insidiosa o atraçou pelos trinta dinheiros da eschola do interesse proprio!

Saturnus flevit cum planctu magno, e desatou a rir debaixo da copa da sua olaia!

A resignação é uma perpetua lagrima a sorrir-se: resignámo-nos. Estes desvios de prumo não interrompem a construcção das pilastras de cada seculo, em que vai assentando a abobeda da civilisação. Houve apenas um atrazo. Depois os obreiros foram abrindo alicerces, baldeando materiaes, cimentando paredes, cada um na medida das suas forças, livres de preceito extranho e official, da correcção pretenciosa de um mestre de obras do passado, todos amigos, todos innocentes e puros, todos desinteressados, e o que mais é, nefando crime, todos apostolos do ideal!

Eu, pobre de intelligencia, mas amigo do trabalho, do fundo do meu retiro, da minha mansão de paz, minguada de tudo, menos de boa-vontade, estava contemplando com amor, até mesmo com desvanecimento, esta liberdade de pensar, estas auroras novas, este volitar de ideias, este grangeio livre de alimentos futuros, este caminhar de cada um a sabor da propria responsabilidade, sem nem sequer me lembrar da cigarra de Anacreonte e de que houve outr'ora uma Divindade que comia os proprios filhos; de subito vejo um membro da commum abandonar a christandade com a obra debaixo do braço....

Era *Pinheiro Chagas*, que tambem abrija os olhos da alma á luz do seculo que vai passando; um talento superior, um coração limpo de toda a mancha, modesto tambem, e tambem fraco, tomado de terrores vagos, de infundados receios, que dera os ultimos traços no — *Poema da mocidade* — e receoso que lhe calumniassem a obra os invejosos confrades da religião nacional, ia ao templo pagão sacrificar o cordeiro da sua independencia!

Um sacerdote de crenças bem diversas das nossas na indole e na influencia social acabava de ministrar o sanctissimo sacramento do baptismo litterario a um nome que não carecia de mendigar calor alheio para crescer em celebridade e honras bem merecidas!

Cantava a *segunda* cigarra de Anacreonte na copa da frondosa olaia!

Saturnus exultavit cum planctu magno.

.....

Eu que estava neste momento, quando tudo isto se passava, distinguindo á luz do *bom-senso e do bom-gosto* o paganismo e a ideia christã, abria pela primeira vez a traducção dos *Fastos de Ovidio*, e pasmava, pasmava sinceramente, de ver o hyerophante do seculo estabelecer o confronto do seductor das sabinas e do casto Filho de Maria!

Eu acabava de concluir na intimidade do meu pensamento, que os grandes homens tinham jogado as nozes com os rapazes, e que dispensarem-se de dizer *tolices* como elles seria falta de logica....

Não obstante eu pedia ainda sobras á vontade para crer, que os talentos saudosos do passado não negociavam com as suas crenças, quando o vento do levante, entrando no meu gabinete de trabalho, me desdobrou a primeira pagina do livro. Estava ahi escripta em lettras negras, grandes, famosas, uma dedicatoria:

Ao incomparavel Duque de Saldanha!

O sol nascia d'esta vez no meu pacifico retiro: um facho de luz inundava-me a fronte carregada de pensamentos tenebrosos, e o jubilo entrava em minha alma!

Mentira!

A opinião publica era a Messalina devassa que se prostituira ainda uma vez ao erro voluntario de uma calumnia vilã, vendendo uns restos de honestidade, que nunca ninguém perdeu, ao odio eterno e inclemente das paixões partidarias.

A opinião publica *indignada*, cujus murmurios escutava com vago terror, que eu julgava apenas suffocada pela força das *conveniencias*, mas distinguindo já através das sombras da posteridade um anel de fogo envolvendo dois astros, que até mesmo no abysmo das miseraveis vergonhas, a que subserviram, tiveram luz para se esconderem as pustulas dos olhos investigadores da geração, que, cometas funestos, esterilizaram por um lado, desmoralizaram por outro, instruíram pelo ultimo; a opinião publica, que via, que proclamava tudo isto, não era dominada senão pela odio dos Titães, o odio que tentava escalar os astros, que na obra do paganismo enlaçaram suas orbitas para maior gloria do Christianismo!

E todavia era uma infamia!

Eu via, não podia duvidar: um genio coroava outro!

Os pobres de espirito como eu poderiam errar, depositando uma oblata christã sobre as aras ensanguetadas de Mavorte: os sanctos innocentes da eschola de Coimbra poderiam ignorar as noções mais vulgares do bem e do mal, a mais simples regra de honestidade, o mais ostensivo principio de moral practica e de moral christã; mas a intelligencia, o genio, o talento, a philosophia, a historia, a luz, a vista de aguia, não, não, e não podiam ver a infamia, onde só mora a virtude, o ultramontanismo, onde só mora a liberdade, a reacção, onde repousa a inercia, o templario politico, onde se aninha a pomba innocente e immaculada, de olhar azul e candido, magico, sereno, celestial, divino.

E eu, que ás cinco horas da madrugada ia ser um ecco da opinião publica, e de uma infame calumnia, ás oito sou apenas um bemaventurado!

Eu ia talvez dizer, se o vento do levante me não traz aos olhos a — *dedicatoria* — que quaesquer que fossem os nomes, que os nomes dos *grandes* pretendessem illuminar e impôr aos livres pensadores da eschola liberal, desciam, baixavam á condição servil dos que procuram diluir o successo no expediente, justificar a immoralidade e a baixeza da alienação do seu primeiro direito absoluto com o bom successo do jogo de fundos litterarios; insinuar talvez, que existia ainda uma litteratura unica, embora absurda, embora *metaphysica*, embora inintelligivel e portanto ideal, ou ideal e portanto inintelligivel, embora asnatica, embora desgraciosa na essencia e na forma — innocente, casta, pura, independente, espiritualista, moralisadora antes de tudo e sobre tudo; que essa litteratura era a que se condemnava pelo talento serio de Antonio Feliciano de Castilho no — *Poema da mocidade* — litteratura que se não prostituiria nos mercados publicos ao osculo do primeiro Judas litterario do seculo. Se não existira uma atmospherã, pura e buliçosa, onde podessemos ainda respirar, ia proclamar bem alto, que a litteratura de Antheros, de Vieira dẽ Castro, de Theophylo Braga, de todos os Bragas, de todos os escriptores nobilitados pelo cunho da sua independencia, de Coimbra, do Porto, de Lisboa, não é o producão liquido e homogeneo de nenhuma eschola, porque

tal não existe em parte alguma, e menos em Coimbra; que o primeiro estylista do paiz a classificara assim para practicar uma dupla baixeza, impropria de um talento raro e serio, de um homem honesto, desambicioso, desinteressado; diria comtigo, Anthero — «Combatem-se os herejes da eschola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, e do atrevimento de sua reputação moral, do attentado de sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes de respeito humilde ás vaidades omnipotentes, de submissão estúpida, de baixeza e pequenez moral e intellectual... Mas é que a eschola de Coimbra commetteu effectivamente alguma cousa peor de que um crime — commetteu uma grande falta: *quiz innovar*. Ora, para as litteraturas officiaes, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sophismas, do que envenenar com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, peor do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer*, e não *repetir*; de *inventar*, e não de *copiar*. Porque? Porque todos os outros crimes eram contra as ideias: haveria sempre um perdão para elles. Mas esta falta era contra as pessoas; e essas taes são imperdoaveis.» Commettendo sem duvida a esquerda indiscrição de asseverar que aquella dupla baixeza consistia em envolver ao mesmo tempo tres nomes distinctos, que nunca lhe pediram ao mestre nem protecção nem arrimo, na mesma damnção do seu orgulho omnipotente, e presuppôr, armar, construir do alicerce até á telha uma eschola litteraria em Coimbra, para a atirar á cara da universidade, que o fez poeta e grande, cerrando-lhe as portas do magisterio, porque a vida de lente é a cousa mais sinceramente prosaica, que ainda houve — Affirmaria sem duvida que este odio é negro, é velho, e ha de ser eterno! Diria que em principios do anno de 1835 a universidade foi vivamente atacada pelos então chamados — *Institutarios* — que, contando com as luctas e dissensões dos correligionarios dos dois partidos extremos, que então se dilaceravam no proprio seio da universidade, a desprestigiavam e calumniavam a academia d'esses tempos, servindo-se de uma imprensa corrupta e vendida a um certo frade, que não achava des-

gostosa a tisana de lodo que do Tibre lhe mandaram para beber. Tractava-se nem mais nem menos do que da mudança da universidade para Lisboa, onde os obreiros, negros na *alma* e no *habito*, tinham o seu principal centro de operações, onde seria arma terrível contra as instituições liberaes: que a bella e intelligente fronte da estudiosa adolescente do paiz, vendo que lhe roubavam a liberdade e a honra, despertára da somnolencia dos que soffrem, porque têm vida, que lhes não deixam viver, e, acalentada pelos generosissimos e liberalissimos sentimentos de alguns academicos distinctos, acceitára a luva que se jogava á universidade: que o jornal, o *Academico*, fôra publicado em principios do anno de 1835, e dahi até 28 de junho do mesmo anno, em 49 numeros, evidenciára que a litteratura de Coimbra não presta para baixeza, mas pôde e sabe saldar as suas dividas de honra: que todos os artigos do *Academico*, jornal ao mesmo tempo litterario, scientifico e politico, d'aquella politica que convém a academicos — a da imparcialidade — respiravam tanto bom-senso, tanto bom-gosto, e tanta moderação, que foram elles que semearam no meio do paiz opiniões mais justas e sensatas sobre a questão universitaria, que a final foi julgada pelo parlamento do modo mais lisongeiro para a universidade. Perguntaria depois d'isto ao sabio distincto, ao engenho raro: — Ereis estranho á seita dos — *Institutarios* — conheceis-l'os, vistel-os, sabeis-lhes os nomes, apertastes-lhes as mãos, assentastes-vos com elles á sombra da copa da vossa olaia a conversar, com razão ou sem ella, «em practica chã, desenfadada e satisfeita, como é de uso entre lavradores chãos e abonados depois de uma colheita abençoada»?! — Com a mão sobre a cabeça respondi, senhor! Eu creio-vos, eu proclamei o dogma da vossa infallibilidade: vós não podeis errar, enganar, e menos ser enganado!

Se aquella veridica — *dedicatoria* — me não illuminasse o espirito, diria que em 1854 o conselho de decanos da universidade negára ao illustre escriptor a sala dos capellos, que sollicitára para ensinar á *eschola* de Coimbra o methodo de leitura repentina, com bem fundados receios de que os nossos monarchas, os representantes de setecentos e cincoenta e quatro annos de cousas serias, ririam até rebentar, o que não era bonito: que por essa occasião, no salão do Instituto,

o auctor do methodo se dignára manifestar a consideração em que pôz sempre a universidade: que o ouvi eu, que tenho o orgulho de ser d'aquelles, que nunca deixaram cobrir da poeira do esquecimento insultos ou perolas que de maduras cahissem na sua presença de labios sibylinos, ou viperinos: affirmaria que o sr. Antonio Feliciano de Castilho na sua ultima visita a Coimbra azedou com a suprema injuria da nenhuma practica que teve com academicos á sombra da copa da sua olaia, porque nem um só devoto, ao que me disseram, queimou um só grão de incenso e myrrha ao idolo dos que por modestia, por bondade, por terror, por imitação, vão mendigar á sua porta um obulo da graça das multidões, que com razão o admiram nas suas inimitaveis traducções, nos seus poemas, nas suas imitações, e até mesmo nas inimitaveis contrafações do seu caracter.

Continuaria a dizer, que a cousa assim é mais commoda e mais decente, porque é arteira, porque deixa sempre livre á tangente do seu odio por todos e por tudo o systema matreiro da raposa velha. E diria ainda em termos mais claros: o Ovidio portuguez, temendo «aventurar a *vida* por desempenhar um pontinho de honra propria», preparou e prepara sempre providentemente o terreno de vespera, semeia o pomo da discordia em propriedade alheia, e deixa ao proprietario, agradecido da sua abençoada lavoura, o cuidado de defender os renovos. Já cançado de *tosquiar* camêlos, como tão classicamente escreve, assenta-se com razão a conversar em practica chã, desenfadada e satisfeita, como é de uso de lavradores depois de uma feia acção, á sombra da copa da sua olaia, e, reclamando serviço por serviço, entrega a defeza das suas causas e cousas graves áquelles a quem deu saude e graça para correrem mundo. Habil piloto, deposita nas mãos dos remeiros, a quem alugou a barca de passagem, o fardo da sua dignidade, para lh'o levarem a porto de salvamento. Se o fardo chega avariado, como é mais que provavel, aos consignatarios da opinião publica — *aqui d'el-rei* — que foram elles que o deixaram ao tempo! e eil-o a chamar gallego a todo o mundo, inclusivamente ao mais honrado e independente character, que ainda houve nesta terra — o sr. A. Herculano! No entretanto a cigarra de Anacreonte vae cantando sobre a copa da proverbial olaia: e o Saturno portuguez, to-

mando á sombra d'ella o café confortador, para mais facil digestão dos tenros cordeirinhos que a cigarra *tosquiou*, e elle comeu para ficar sosinho no seculo actual como agente, e os bôlos litterarios nacionaes como pacientes.

Isto sim, que é obra prima, accrescentaria eu, da mais fina *methaphysica*; isto sim, que é a expressão do mais puro ideal de refinada pouca-vergonha! É verdade que não aproveita a ninguem, nem á humanidade actual, nem ás futuras, nem a coevos, nem a vindouros, nem á Allemanha, nem á França, nem a Turim, nem ao Porto, nem a Lisboa, nem á infame *eschola* litteraria de Coimbra, que fazem escala por caminhos de honra e honestidade, mas aproveita-lhe a elle, ao seu orgulho feroz, mas ás suas entranhas insaciaveis de tudo, como de gloria, mas ao seu velho odio sem treguas, sem clemencia, sem repouso, mas á sua suprema soberba e á sua infinita vaidade.

Elle, o mestre; elle, o poeta da arte; elle, o sabio; elle, a intelligencia, que com mais felicidade e facilidade tem sabido assoalhar as abundantes e abençoadas sementes, que por ahi estavam por celleiros classicos a apodrecer na humidade e no abandono; elle, a mais esplendida e luxuriosa fórma que tem vestido letras portuguezas; elle, o privilegiado do genio; elle, o que devia em fogo inextinguivel de amor e honestidade alimentar os primeiros attributos da divindade, que allumiam o destino de cada homem, e de cada sociedade; elle, que devia, e como poucos podia, bafejar todas as vocações; acompanhar com respeito, com veneração, com dulcidão d'alma, com candor de coração, toda a *eschola* nascente, toda a ideia nova e original, ao menos nesta terra; toda a *utopia*, amiga do bom, do util, do social; todo o esforço dos limpos de coração, para tornar a humanidade mais ideia, menos argilla; mais absoluto, menos relativo; mais bem, menos miseria; mais virtude, menos abjecção; mais amor, menos calculo; mais elevação moral, menos torpeza; mais religião, menos descrença; mais perdão, menos vindaicta; mais caridade, menos odio; elle, que devia esmagar nos abysmos do coração, com a mão firme da vontade, os seus resentimentos particulares, e as reclamações exaggeradas da aspiração da gloria; domar pela sagacidade o que em todo o homem existe de fera humana, cicatrizar pela braza viva do

seu talento de fogo a ferida do seu peccado original, enfrear o sentimento da paixão individual, pela superior consideração dos interesses sociaes de qualquer ordem; este homem, que devia comprehender que todos os da sua esphera já hoje não podem nascer, sem perigo de damnção social, para se consumirem no sentimento mesquinho do egoismo e interesse propios, senão sim para allumiarem, como o sol, que não cuida de si, do nascimento ao occaso um hemispherio da sociedade, do occaso ao nascimento os antipodas do progresso; elle, Castilho, falsifica ignominiosamente a sua missão no seio da eschola liberal, dá cada dia um abraço angustioso na ambição, que o domina, atrela-se ao carro da inveja insidiosa, julga ainda pequenas as letras de luz do seu nome, que ninguem já pôde apagar-lhe nas memorias do porvir, e chafurda-se como a serpente do Eden na tremedal da hypocrisia astuta, offerecendo com palavras ensopadas em ambrosia e nectar o pomo enganador aos Evangelistas da *Divina palavra*, que hão-de levar com os seus o nome do *Verbo* aos quatro cantos do universo e ás christandades por-vir.

A mim rasgava-se-me o coração se tivesse dito tudo isto, convencido de um erro; se a aragem da madrugada do dia 20 de novembro de 1865, impregnada do espirito invisivel da verdade, desdobrando aquella primeira folha da traducção de Ovidio, me não viera evidenciar, que o nome de um christão pôde egualar o de um pagão, por consentimento tacito do segundo, e acceitação expressa do primeiro.

Mas então a que vim eu? — perguntarás tu, Theophylo Braga, Vieira de Castro.

A dizer-vos, que Anthero do Quental pôde e deve confessar que não teria publicado a pagina decima primeira da sua Carta, se ao concluil-a abrisse, por desenfado, o *Camões* de Antonio Feliciano de Castilho, e o gostasse com todos os cinco sentidos; se, virgulando o que escrevera, houvesse tempo para ter em mór valia e consideração o seu bom-senso e bom-gosto, que os seus, aliás justos, resentimentos: não a agradecer-vos o delicado favor da vossa amisade, que não vem para aqui, ou a absolver-vos de peccados, que todos commetemos mais ou menos, mas a descarregar a minha consciencia de um pêso que de ha muito a mortificava; a asseverar-vos finalmente que, digam o que disserem os Sanctos

Padres, que venero; os canones dos Concilios, que leio; os decretos e bullas dos pontifices, que em conta de boas bullas terei sempre; chovam raios e coriscos sobre a triste humanidade; rasgue-se o véu do templo; sôe embora a trombeta do Juizo Final; resuscitem as provas de agua e fogo; até morrer, e ainda mesmo a morrer hei-de exclamar pelas mil boccas da minha fera vontade:

É o sol que está parado, é a terra que se move.

Dito isto, vou ler pela centesima vez a lei de 18 de agosto de 1769, a lei da *Boa-razão*. É fastidiosa, detestavel, pessima para uns certos, que se acoitam á sombra da arvore do bem e do mal a ruminarem torpezas e iniquidades; uberrima, recreativa, bonissima para outros que, quando menos, têm o bom-senso e o bom-gosto de a lerem, e comprehenderem.

No sentido que deixo dito

Vosso •

Elmano da Cunha.

O SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E O SENHOR

ANTHERO DO QUINTAL

POR JULIO DE CASTILHO



LISBOA

IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

NOVEMBRO DE 1865

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

N

Deparou-se-me ha poucos dias um escrito, que, se não pela sua valia intrinseca, ao menos pelo assumpto, e talvez até certo ponto pelo autor, me concilou attenção especial, e me obriga hoje a tratar, sob alguns dos seus aspectos, materia que, para mim sobre tudo, envolve os maiores melindres. Intitula-se o folheto que ora tenho sob os olhos — *Bom-senso e bom-gosto — carta ao excellentissimo senhor Antonio Feliciano de Castilho por Anthero do Quental.*

O *Commercio de Coimbra* de 14 do corrente dizia, depois de mencionar o nome da obra:

«Com este titulo acaba de ser publicada, e vai ser exposta á venda nas principaes livrarias do reino uma critica energica e desassombrada sobre o CARACTER MORAL e o MERECIMENTO POETICO do sr. Castilho; discute-se ali o HOMEM, e o LITTERATO. Traçada com muito vigor, com grande conhecimento de causa, e sempre á altura do assumpto, esta critica mostra vantajosamente a tempera do genio e engenho do autor, e serve para instrucção das pessoas que ainda não conheçam assaz o BOM SENSO e o BOM GOSTO do sr. Castilho.»

São obvias as rasões que fizeram de mim o mais attento de todos os leitores, que por sua ventura (ou desventura) tivesse o oppusculo; desde a primeira linha até á ultima, devorei com soffreguidão esta carta memoranda.

Acostumado a venerar o escritor verdadeiramente grande e illustre, de quem tenho a honra de descender; affeito a estudal-o, a lel-o, a advinhal-o; conhecendo muito de perto os thesouros moraes incalculaveis daquella alma purissima, e daquelle coração de oiro; não posso, sem muita e muita magua minha, vêr que assim desconhecem, descomprehendem, e calumniam um homem, que para mim é mais e muito mais do que um Pae: é um simbolo litterario, é uma gloria nacio-

nal e europêa, e... (venhâmos ao intimo) é o maior, e o mais seguro, e o mais dedicado dos amigos.

Quando o assalta á falsa fê, e de traz das esquinas, a matilha esquálida e esfaimada dos que só anonymos atiram lama, não respondo, nem mesmo dou por elles; esses taes villõesinhos semsabores estão salvos na sua mesma capa de rufiães ignobeis; quem os assalariou, que os pague; mas quem tem brio nem os lê, nem as mais das vezes lhes sabe o nome; que importa o nome de quem o não tem? Os doestos, as caricaturas, os insultinhos dos *Asmodeus* e dos *Lucifers* e dos *Torniquetes* e dos *Piparotes*, isso tudo é felizmente já hoje inoffensivo; a opinião avalia-o como deve.

Quando porém o aggressor do sr. Antonio Feliciano de Castilho é mancebo de boa linhagem litteraria, é contendor com quem não é desdoiro antes quasi honra quebrar lanças, são á estacada; e tenbo que não haverá quem me estranhe a ousadia, e muito menos quem m'a leve a mal. O ser filho não tolhe o ser admirador e entusiasta; o ser filho não veda que se diga de um tal varão toda a verdade.

São pois á liça, levantando a luva que o sr. Anthero do Quental arremeçou para Tibur, e que, máo grado seu, errou o alvo, porque o Mestre não leu o repto. A enfermidade, que de tantos annos o sequestrou á luz do sol, e o pôz na dependencia dos seus intimos impediu desta vez (como de muitas outras) que por seus olhos tomasse o grande homem conhecimento das phrases do talentoso filho da Academia; mãos intimas e amicissimas souberam furtal-o á inesperada visita do mancebo, e impedir que por causa deste novo hospede se furtasse elle, o poeta, ás horas que diariamente conversa com o seu eterno Mantuano. Mais cedo ou mais tarde, mais por aqui mais por ali, ha-de sem duvida (descance o sr. Quental) chegar o seu nome aos ouvidos do Mestre; a sua obra, não; elle não troca Ovidio e Virgilio por nenhum escrito coimbrão, nem mesmo (por ora) pelos do sr. Anthero do Quental. Longe de se enfurecer, o Mestre havia de apiedar-se de quem, como o autor das *Odes modernas*, tão mal emprega as horas, que de occupações mais sérias e mais bem logradas lhe sobraram. É deveras lastima que um homem como o sr. Anthero do Quental desbaratasse a escrever e assignar aquella *carta* algumas horas, que, bem aproveitadas, lhe dariam muito mais gloria indisputavelmente.

Mas que digo! longe de mim o pensamento de dar conse-

lhos a quem tão bem os sabe dar a homens de sessenta annos, a homens provados e aguerridos nesta ardua roda-viva a que se chama a vida litteraria. O sr. Quental é tão rico do seu proprio valer, que para desconto daquella *carta* possui e ha-de possuir muitas e mui bellas coisas no seu guarda-joias de opulento.

É Anthero do Quental um nome, que, obscuro ainda para muitos (fallemos franco) em mim desperta lembranças, e até saudades, e muitas; nome que hoje desabrocha e começa a pompear, como tantos outros, entre os sinceiraes arcadicos do Mondego, nome que dentro em pouco será glorioso, nome que enlaçado com o meu em tempos que já lá vão e não tornam, me acostumei a amar como o de um quasi irmão, lá desde quando o destino unira as nossas sortes naquella ilha, terra delle e meus primeiros amores, naquella ilha abençoada, que Paulo e Virginia invejariam para berço e para sepultura. É Anthero do Quental (coincidencia notavel e dolorosa) o meu mais antigo amigo, o companheiro dos meus folguedos de innocente; dobrada pena me fez ver que tão improvocada como acremente menoscabava elle o nosso antigo mestre commum, o esforçador, o homem do conselho, que é meu Pae, que é o Pae do seu amigo. Dobradamente penoso me é tambem ter de repellir a mão que outr'ora apertei, e de justar severidades com quem me acostumára a apreciar-o como intimo. É forçoso fazel-o, não já por mim: por esse, a quem muito mais do que a mim proprio estimo e amo.

Não supponham porém os illetrados, e os menos versados em coisas destas, que venho eu, bisonho e novél, tomar a defenza publica de Antonio Feliciano de Castilho; as settas do seu juvenil contendor nem são hervadas, nem o feriram, nem já agora o podem ferir; bem defendido dellas estava elle; as arvores de Tibur teem não sei que abençoado condão de esconjurar o raio; ali nada chega, mercè de DEUS!!

Não é pois na pomposa qualidade de escudo ao grande poeta (perdôe-nos o sr. Quental se ainda, apesar de tudo quanto elle disse e fez, tanta vez chamamos *grande* e *poeta* á sua victimia), não é para advogar o cantor da *Primavera*, que emprehendi responder do fundo da minha total obscuridade litteraria ao autor das *Odes modernas*; foi sim por ser o aggressor quem é, e pelo ver sair de armas em punho e tremulo de raiva dentre a cohorte dos amigos.

Não lhe tenho odio; não desço a tanto; vejo-o fulo, raivoso,

espumante, e não me arreceo; compadeci-me. Braceja, rai-va, morde-se, falseia as verdades mais obvias e inconcussas, desmancha-se, roja-se, confunde! merece indulgencia; é um homem apaixonado, transviado, louco de impotencia, e embriagado de odios. Respeitemos este infortunio, que o é, e muito grande.

Eu por mim (juro-o) não me exacerbei com a leitura da *carta*; não senti ira, nem vislumbres della; senti um dó profundo, mixto singularissimo de espanto e dor!

É sob essa impressão, que ainda hoje escrevo.

II

Saíu ha mez e meio o rico livrinho do meu bom e antigo amigo Pinheiro Chagas—*Poema da Mocidade*.

A carta que o epilougou, devida á penna do nosso primeiro lyrico, e por elle espontanea e generosamente offercida ao poeta que se estreava, foi mais um monumento, destes que elle sabe erigir com a sua mão robusta e o seu gosto imperturbavel; um manancial de doutrina sã, clara, secunda, de conselhos, de juizos de experiente, de reprehensões de Aristarco; digna respondencia á admiravel *Conversação preambular*, com que ha annos o mesmo vulto litterario abrira portico ao já tão glorioso Thomaz Ribeiro.

O que a paginas 213 e seguintes se diz de Theophilo Braga, Anthero do Quental e Vieira de Castro é (supponho) o ponto da discordia, e o pretexto da guerra. Quem não leu aquelle escrito? haverá ainda alguém para quem elle seja novidade?

É Vieira de Castro um mancebo que poucos annos me leva de dianteira, mas de quem ha muito sou amigo, se o pouquissimo convivio, que a distancia reciproca nos permite, não me vedam aos olhos delle esse nome. O seu talento notavel, que ninguem já hoje desconhece, os seus vôos de aguia nos ceos da eloquencia, vôos ás vezes mal seguros, trepidantes, mas arrojados e nobres, a sua erudição, o seu pulimento litterario, o seu congénito pendor para as opulencias linguisticas e para as galas facundas, em que tanto prima o seu mestre e nosso primeiro romancista Camillo Castello Branco, tudo isto, que em annos mais largos era muito, em tão verdes annos bastava para assombro. Conheci-o em casa de meu Pae, a cuja boa critica o juvenil e então quasi imberbe universi-

tario fôra submitter um livro, romance se me não engano, e que o Mestre lhe ouviu e lhe aquilatou com aquelle horaciano julgamento, que eu desde pequenino venero como a oraculo. Desde esse tempo Vieira de Castro cresceu, e muito; cotejem-se as primeiras com as ultimas obras suas.

A Theophilo Braga conheço menos, mas admiro muito. Nunca o meu amor-proprio de versejador obscuro ha-de esquecer a acolheita que recebeu do já então afamado talento de Theophilo Braga, quando a elle me apresentou um dia numa sala de Lisboa um amigo commum. A affabilidade do seu trato, a cordealidade das phrases que me dirigiu, a finissima intenção com que teve a estremada bondade de recitar-me versos meus, tudo me captivou, e me tornou tão seu pelo coração, quanto eu já o era pela intelligencia.

Anthero do Quental era ha poucos dias ainda (como custa vêr partido um fio de tantos annos!) o meu mais antigo amigo, um moço talentoso e sympathico, uma das aguias implumes, que na Universidade se estão creando para gloria sua e do paiz. Hoje.... continúa a ser uma das vergonteadas mais viçosas da grande arvore; amigo meu.... já não o considero.

Taes eram, em rapido bosquejo, os tres assumptos que o sr. Antonio Feliciano de Castilho tratava naquellas paginas da sua conversação, e tratava (ahi estão impressas as provas do processo; é ler de boa fé, antes de decidir) e tratava, repito, com tanta philosophia e amisade.

Ahi se aquilatam.... engano-me: ahi se mencionam honrosamente esses tres auspiciosos engenhos, talhados para grandes coisas, e que já hoje começam a desatar em frutos muitas das esperanças com que se abotoavam: Vieira de Castro, Theophilo Braga, Anthero do Quental. Todos tres frequentes vezes alvo á critica do nosso Pinheiro Chagas, por esse lado vinham frisando naquelle juizo.

Era mister mencionar e explicar uma das feições (porventura a mais importante e decisiva) do talento de Pinheiro Chagas: a critica: mencionando-a e explicando-a, apreciar num rasgo aquelles tres mancebos, *talentos distinctos, de não pequena clientéla todos elles, e que tem sido e continuam a ser acremente objurgados por este aquilatador inexoravel.*¹

Agro era sem duvida o intento: era força não ferir sem causa, e não cohonestar o erro, se acaso o houvesse de algum

¹ *Poema da Mocidade* — Critica litteraria — pag. 213.

dos lados; interpretar e defender o calor, a energia acre mas sincera, com que tantas vezes o critico poeta cauterisava o mal na carne palpitante dos escritores a quem estudava; explicar essa apparente acrimonia, demonstral-a, justifical-a, e ao mesmo tempo não ferir, não exacerbar vindictas entre os criticados e o critico, antes compol-os e congraçal-os, visto que para obra de utilidade commum trabalhavam, desconhecendo-se e azedando-se.

Missão nobilissima era sem duvida, e quasi sublime, essa a que nesse ponto se dedicou o interprete de Ovidio. Via diante de si tres homens a trabalhar, e defronte delles outro homem a excital-os, a esforçal-os, a aconselhal-os, a arredal-os de um para outro sulco, onde o trabalho delles medraria melhor, a julgal-os á luz da propria intelligencia independentissima. A *fôrma* era talvez errada; o acto era bonissimo per si, e pelo remedio que encerrava. O mestre não condemnou a uns nem a outros: disse a este:—Persevêra;—disse áquelles:—Trabalhae; sob as suas apparencias-de inimigo, é este (mal o presumis) o vosso amigo.

«O critico de bem, severo até, e embora desabrido—ouvi, ouvi; são palavras de Castilho—é, ainda que ao criticado o não pareça, o amigo mais proveitoso de quantos pôde ter. Vale-lhe elle só á sua parte mais que trinta e tresentos louvadores. É uma verdade na qual ao tempo não caímos, porém de que chegâmos depois a convencer-nos, e por nós mesmos, se o orgulho nos não cega. Que pesar que não sente quem estas linhas escreve de não ter encontrado ao encetar a carreira poetica um reprehensor bem austero de seus escritos, embora publico! Quão menos arrependimentos litterarios lhe não gravariam hoje a consciencia!»

Que maior sinceridade, que maior lhaneza e hombridade quereis, do que essa que ressumbra destas portuguezissimas palavras! quantas vezes lh'as tenho ouvido eu, nas conversações intimas de Tibur, conversações que não são talvez as menos admiraveis de suas obras.

«Uma de duas—diz elle e muito bem—ou cada um desses tres mancebos é perfeito, ou não: se é perfeito, ninguém tema por elles: são tres aguias que nasceram adultas; que no seu vôo empolgarão os raios; e que até dormindo estarão seguras, pois quanto mais os tufões forcejarem pelas derrubar dos pinaros do loireiral, mais lhes aferrarão as garras ao ramo em que poisaram; sacudil-as não será senão embalal-as, em

quanto sonham na immensidade, no sol, e na gloria. Se porém não nasceram com o inaudito privilegio de perfectos (e tenho por certo que nenhum delles o imagina); se a sua mesma juvenildade, que mais notaveis os torna ainda, lhes não deu por ora tempo de amadurecerem; se têm, como homens em principio, verduras e demasias de que os tempos os hão-de ir livrando,

(*Multa ferunt anni venientes comoda secum,
multa recedentes adimunt.....*)

se daqui a dez outomnos ou dez invernos (nem tanto é preciso) nenhum delles ha-de ser tão milagrosamente ditoso que aprove em cheio e á carga cerrada tudo quanto hoje faz, e concorde em tudo quanto pensa, que lhes faz a critica, sendo anticipar-lhes de certo modo a experiencia? conspirar com elles mesmos para a boa fama, que nunca se conquistou sem sacrificios?

Isto dizia meu nobre Pae. Isto, com que elle, a um tempo doutrinador e amigo, buscava levar o balsamo aos feridos, e encaminhar a mão do physico, foi a causa (se é que o foi) de tanta acrimonia, de tanto fel, de tanta falsidade (perdê-se-me a palavra, á conta do bom cabimento que neste ponto lhe acho)! Deus meu!

Esta é a verdade. Desafio o sr. Anthero do Quental, o seu illustrado amigo que redigiu a engraçada noticia do *Commercio de Coimbra*, e todos os seus amigos, que são numerosos, a desmentirem-m'a.

III

É a critica um sagrado ministerio! fallar verdade é coisa que parece minima, e é maxima.

O sr. Anthero do Quental, critico dos criticos, impoz-se um papel altamente invejando!: atassalhar uma reputação estabelecida; vomitar injurias contra um nome querido e respeitado de todos, consporcar de lama um vulto memoravel, uma das glorias da nossa terra. Nobre ainda assim fôra o encargo, se comtudo as palavras do distincto escritor correspondessem a convicções intimas, e fossem devida e irrespondivelmente comprovadas.

Inquisição litteraria é tribunal que não existe; tolerancia é a divisa para todas as seitas; ninguem por pensar contra Vir-

gilio, contra Hugo, ou contra Homero, será açoitado em pe-loirinho, nem queimado em auto-de-fé.

Quando porém se falla de um homem de bem, e de um homem assim illustre, havido por grande, e muito grande, no juizo (embora errado) de todo um reino, parece-me prudente documentar, explanar, e não limitar a meros diterios, mais ou menos insulsos, toda a verrina.

O *Torniquete* e o *Piparote* esses podem insultar como quizerem; ninguem lhes pede contas do que dissêram na vespera; e os lacaios, que se deliciam com a leitura das suas parvozes envenenadas não vão pedir explicações á redacção. O sr. Anthero do Quental porém não é nem o *Torniquete* nem o *Piparote* e corre-lhe estricta obrigação de provar o seu dito.

A grande carta do auctor das *Odes modernas* se pudesse ser tomada a serio continha um mal gravissimo, e um damnado exemplo; *não que a justiça e a verdade se offendessem* com as apreciações do sr. Quental; *verdade e justiça estão tão altas que não teem olhos com que vejam as pequenas coisas e os pequenos homens*; ¹ (Perdão se neste caso nos servimos de palavras do proprio auctor da carta; é sempre um prazer vêr que as nossas idéas se acham de antemão formuladas por um espirito superior); não que as apreciações do sr. Quental influissem em mal ou em bem no juizo ha mais de um quarto de seculo formado e assente por todo Portugal; não que as palavras de um só sobrepojassem (nem que elle fôra Stentor) á voz de toda a livraria portugueza d'aquem e d'alem mar; mas sim e unicamente porque fôra um espectáculo altamente immoral e injustificavel, que um mancebinho imberbe se affoitasse, á hora em que os seus pares ainda mal abrem os olhos á grande luz, se affoitasse, repito; a menoscabar as coisas santas da arte, a desrespeitar um homem de bem, a entrar com fumos de juiz no templo das lettras, a discutir em tom doutoral homens e coisas; homens, que mais de vinte annos antes delle nascidos já trabalhavam, estudavam, e cresciam; coisas sob as suas apparencias frivolas as maximas deste mundo!

É muito para ver, e muito para estudo moral desta era de depravação e desregramento por que estamos passando, o despejo com que um estudante qualquer se arvora em censor de censores, e se atreve a fallar a um reino todo, do alto do que

¹ Bom senso e Bom gosto—pag. 4.

elle julga a sua cáthedra, uma lingua insolita, onde as regras primarias do bom gosto e das conveniencias sociaes são postergadas, onde os serviços de um benemerito são esmordaçados, e onde se está entrevendo raivar e estorcer-se, como serpe, um despeitinho invejoso, uns arremçeosinhos de liliputiano a querer fazer de David contra um gigante!

Faz lastima realmente! e se o aprendiz que teve a bondade de se dar *ao incommodo de erguer a cabeça de cima do seu trabalho para escutar*¹ as palavras do mestre de nós todos, Antonio Feliciano de Castilho, e que entendeu (e muito bem) não perder o seu tempo, *servir a MORAL e a VERDADE (!) verberando (!) a deshonesto acção* do honestissimo poeta, se o aprendiz que tanto teve para ralar com o mestre, podesse, por uma presciencia magnetica, ouvir de antemão no silencio inspirativo do seu gabinete de estudo, ás horas mortaes da noite, para elle tão vivas e inspiradas, a estrondosa gargalhada com que todo um reino havia de responder-lhe, tenho que haveria sem demora largado a penna da sua satyrasinha de Mevio, e escondido prudentemente (ao menos por emquanto) a férula litteraria. Porque realmente (e convençasse disto o sr. Anthero do Quental) ninguem soube tomar a sério as suas 16 paginas; todos riram d'ellas menos o autor.

E foi pena (sinceramente lh'o digo aqui á puridade); Anthero do Quental passava, visto de longe, por ser um bom talento; muito verde o suppunham alguns; muito sublime outros; mas a seiba, mas a força, mas a qualidade, ninguem lh'a negava. Entre as nebulosidades abstrusas do seu escrever, parodias rachiticas de forasteiros e dextros gymnastas e gladiadores da idéa e da palavra, entrevia o maior numero um pensador, um sonhador, um atrevido explorador desse pólo aretico da sciencia humana, chamado phylosofias. Hoje porém, que o sr. Anthero do Quental retrogradou por um progresso muito notavel (desculpem o antinomico da phrase) e desceu a fallar chão, e como toda a gente, hoje que largando a tuba meio ossianica, meio dantesca da sua linguagem oracular, fallou portuguez hodierno, (para ser entendido pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho) ninguem se poude ter que não risse ao ver como ficava de sandalias a estatura, que gigantea nos parecera quando calçava cothurno, trajava pallio, e usava mascara sonora.

¹ Carta — Pag. 5.

Não importa ; grande e nebuloso, prophetico e intangivel, foi para mim um quasi mytho ; vestido á moderna, e descendo até nós, como simples mortal, é realmente uma figura comica o nosso estudantinho ! a pesada durindana, que elle sinceramente crê ser sua, a compostura empavesada do espadachim, as fumaças de ermitão, que lá nos seus ermos coimbrões descreu do mundo que o não entende, tudo faz delle um apeteavel exemplar para um desses Gavarnis da penna, que ahi andam por essas espeluncas a rabuscar os typos, com que nos moralisam e nos desrugam.

Apezar de tudo, como fallou de papo, e se metteu onde não era chamado, examinemos o que disse, o que fez, e o que quer. Seremos breves, tanto quanto a importancia da materia nol-o comporte.

IV

Em cinco partes (pouco mais ou menos) julgo poder dividir-se o opusculo do sr. Anthero do Quental.

(E agora fallemos serio ; o estilo picaresco, apezar de ter descido a elle a minha penna nas phrazes que acima deixo vem atravancar a discussão.)

Em cinco partes póde pois dividir-se o opusculo.

É a primeira um breve exordio. Em phrazes solemnes e de quasi aruspical magestade expõe o autor ao seu antigo mestre em La Fontaine os motivos que a elle, nome *quasi desconhecido e sobretudo desambicioso*, ¹ *homem sem pretensões litterarias*, ² *puro limpo e innocente* ³ (qualificações pelo proprio signatario impostas a si mesmo) assim o compelliram a *levantar a cabeça de cima do seu trabalho*, ⁴ *a erguer a voz pelo que julgou a verdade*, *a erguer a mão pelo que acreditou a justiça*. ⁵

São duas paginas asperas, ouriçadas de allusõesinhas encoberbas, e onde o autor, apezar das phrasas aliás mui bellas, em que exalta a sua obscuridade, o seu trabalho, a sua abnegação, apparece frio e sereno, mas como que resignado a offerecer-se em holocausto a uma grande causa litteraria. Ha

¹ Carta—Pag. 3.

² Ibidem—Pag. 4.

³ Ibidem—Pag. 4.

⁴ Ibidem—Pag. 5.

⁵ Ibidem—Pag. 4.

no seu porte uma não sei que magestosa simplicidade de martyr que lhe fica a matar. Podia, pela sua *despreocupação de fama litteraria* ¹ pelos seus *habitos de espirito* ² e o seu *modo de vida* ³ verberar as palavras de Antonio Feliciano de Castilho *com um silencio ou modesto ou desdenhoso*. Não quiz; instigava-o a sua liberdade, a sua independencia, e, mais que tudo uma *força desconhecida* ⁴ que nada menos é (permittanhol-o a modestia do escriptor) do que a sciencia e consciencia da missão que o trouxe com um codigo filosofico na mente, novo Mafoma, a regenerar *este ignorado canto de terra a que ainda se chama Portugal*. ⁵

Fez bem o sr. Anthero do Quental; devia fallar; ha homems para quem é estricta obrigação collocar-se na vanguarda das grandes idéas, e defendel-as quando atacadas.

Tambem Victor Hugo, esteja onde estiver, levanta sempre a voz quando gemeu a humanidade aqui, alem, na Suissa, na Inglaterra, na America. Atalaia posta por DEUS, e lá do alto da sua torre de Hauteville House debruçado sobre o mundo, escuta, percebe, espregia por entre o murmurinho surdo da Troya humana, e no meio desta noite que nos insombra, o despontar, o crescer, o vermelhejar do incendio, aqui, alem, mais longe, um grito, um ai, um suspiro. É como o pastor de Virgilio.

Anthero do Quental, ao perceber que o sacrilego amigo dos classicos se aproximava, brandão em punho, ao tabernaculo das filosofias de Coimbra, temeu a conflagração do mundo, e teve de levantar a voz em nome do mundo para afugentar o novo Omar, o novo Erostrato. Não lh'o levemos a mal, antes lh'o agradecemos.

Fica bem a um mancebo novel e atrevido o contradizer a um mestre; o pensamento é livre; as cathogorias não tem raias; e o bisonho póde entrar sem medo a discutir o plano da batalha na propria tenda dos grandes capitães.

Nisso não ha desdoiro, nem para os capitães, nem para o soldado; livre, liberrimo é o pensamento, e as suas manifestações liberrimas tambem. Pelletan pleiteou com seu mestre Lamartine as grandes e arrojadas theorias do progresso; quem

¹ Carta—Pag. 3.

² Ibidem.

³ Idibem.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem—Pag. 4.

saiu vencedor da luta, não me cumpre dizel-o ; que ambos se houveram como quem são, como compete a galhardos lidadores, com estreme cortezia e lealdade, todos, os da propria facção decahida, irão proclamar-o ufanos aos quatro ventos.

Como se houve porém nesta peleja o sr. Anthero do Quental? (já que emfim é mister comparal-o a Pelletan) Como tratou elle numa simples pugna de principios, mal cabida e calumniosamente levada para o campo das personalidades, o seu mestre? o talento? uma das glorias deste *ignorado canto de terra a que ainda se chama Portugal*? um homem bem-quisto? o merecimento de um grande poeta? as cãs de um homem de sessenta e cinco annos? Como? o proprio sr. Quental que vos responda nas suas brilhantes 16 paginas; elle que vos desnude as alluzões rebuçadas e covardes (permitta-se o termo)... a tudo: á propria enfermidade deste cego que a todos nos allumia!

Mas não antecipemos. O exordio é isto em poucas linhas. O autor promette discutir de *boa fé as impensadas e infelizes palavras* ¹ de Castilho; de quanto lhe é deverdor o poeta! *palavras dignas quando muito de um sorriso de desdem,—e do esquecimento* ² provocaram a atrevida, e a partes eloquente epistola do pensador de Coimbra. Parabens! valeu a pena.

V

Passemos á segunda parte do escrito. Começa no segundo § da pagina 5.

Nella se pretende insinuar que esta guerra movida á chamada escola de Coimbra (aceitemos o termo; diz-se *escola de Alexandria*; porque se não ha-de diser *escola de Coimbra*?) é mero pretexto de outra vingança; e se disem estas palavras, que, para retrato de quem as escreveu, nos permittimos estampar aqui:

«*O que se ataca na escola de Coimbra (talvez mesmo V. B. o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes) o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estilo, ou uma idéa. Isso é o pretexto apenas. Mas a guerra faz-se á independencia ir-*

¹ Carta — Pag. 5.

² Carta — Pag. 5.

reverente de escritores, que entendem faser por si o seu caminho, sem pedirem licença aos MESTRES, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandaloso inaudito de uma litteratura desafortada, que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grãos mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade destes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e Pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas fronte o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pensar por si, e ser responsavel por seus actos e palavras.»

A guerra— diz o sr. Quental— A guerra! a guerra! que pomposo nome! Antonio Feliciano de Castilho faser guerra a Anthero do Quental! isso foi equivoco.

O leão não faz guerra ao pobre cátulo que ladrou; abre a guela, e desapareceu o cátulo. Guerra! O gigante não faz guerra ao pigmeu; dá com a ponta do pé, e era uma vez um pigmeu.

Guerra é a dos Titães com o Olympto; guerra é a de Voltaire, com o Dante; a de Pelletan, com Lamartine; a de S. Pedro de Roma, com a cathedral de Reims; a do Parthenon, com S. Marcos de Veneza; a dos ghibellinos, com os guelfos; a de Napoleão, com a Europa; a de Hugo, com os obscurantes. Guerra é isso, ou muito me engano eu.

Mas guerra (não confundamos) não é nem pôde ser o que ao autor dos *Ciumes do Bardo* aprouve diser de alguns mancebos principiantes, nem tão pouco isso, que em 16 paginasinhas escreveu o sr. Anthero do Quental ácerca do sr. Antonio Feliciano de Castilho. Guerra, sr. Quental! isso não é guerra. É de um lado, o conselho do Aristarco amigo, que entendeu (bem ou mal, isso é outra questão) que devia ferir e cauterisar para cura mais completa, e preferiu o adstringente, ao emolliente; é do outro... (emfim, seja o que fôr: não qualifiquemos). Guerra! isto! o sr. Quental estava brincando.

Admittido porém, como quer a vaidade do esperançoso alumno, que isto seja guerra machinada contra elle pelo primeiro vulto litterario do paiz, vejamos isso, a que, no entender do signatario da carta, se reduz tal guerra.

«O que se ataca na escola de Coimbra não é uma opinião litteraria, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idéa» — diz elle.

Feliz tempo, em que entre os bancos da galé escolar já pulullam as opiniões litterarias! os systemas! e os planos de refôrma! Onde o *progresso* tem chegado!

Mas sério: quem se atreve a chamar ás puerilidades da escola de Coimbra uma *opinião litteraria!* *opinião litteraria* aquillo! é-o tanto como o são as do redactor dos cartazes de toiros, ou as do D. José Serrate, ou as dos gongoristas, ou as do pequenito que está dando na escola a *carta dos nomes*. Ter *opinião litteraria* quem ainda quasi não pôde ter opinião!

Chamar concepções *poeticas* áquellas abstruzidades de nevoeiro! aquelles acervos de palavras sem pensamento! *estilo* áquelle arrevesado diser, que vem como que estremunhado narrar as incoherencias de um sonho de febre, e bater fé que é a linguagem dos intermundios, da verdade, e do bello! chamar *idéa* áquella escuridão de catacumba!

Depois disto, arroga-se o autor das *Odes Modernas* uns certos fumos de Luthero, que ainda veem ennevoar mais esta já cerradissima questão, ou questiuncula.

«*A guerra— diz elle—faz-se á impiedade destes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e Pontifices.*»

Mas desenganemo-nos, sr. Anthero do Quental, desenganemo-nos: aqui não ha Pontificados litterarios, nem purpuras cardinalicias, nem mitras e báculos archiepiscopaes, nem aristocracias theocráticas de especie alguma; a republica das lettras é o mais democratica possivel. Nem o sr. Antonio Feliciano de Castilho aspirou nunca á Thiara como vigario apolineo do Parnaso, nem os seus amigos, os seus intimos, e os seus admiradores ao barrete cardinalicio do sacro collegio. Por isso, escusa o erudito contendor de incommodar Luthero, querendo parodial-o nas suas intenções reformadoras. Pense como quiser, escreva o que lhe aprouver; mas não aspire a que o escomunguem lá da banda de Tibur; porque serio, serio, não vale a pena gastar um raio com o sr. *Luthero do Quental*.

Luthero era um grande homem, ousado e sincero Colombo de um mundo novo que não soube encontrar; ministro das trevas, que eu, como catholico-apostolico-romano, só posso (no meu pouco) renegar e desprezar, sim; mas um genio eminente, que allumiou sem o saber o seculo XVI; um malfeitor da humanidade, um trasmalhador do rebanho, sim; mas um

dignissimo inimigo do grande Solio eterno da eterna Roma. Não o respeito, mas admiro-o.

O sr. Anthero do Quental porém, nem é Luthero bastante para transviar ninguem, nem sequer tem ao menos para sua gloria um Leão x com quem arremeter, e que o immortalise com um lampejo da sua ira.

Deixem-se portanto estes *herejes* pequeninos de se arrogar foros de heresiarcas; larguem isso a quem competir.

VI

O sr. Antonio Feliciano de Castilho não aspira nem aspirou jámais a Realezas litterarias; conhece o seu lugar; mas, democrata de convicções profundas, não foi occupar o solio. A opinião publica de quasi cincoenta annos a esta parte distinguiu-o sempre com favor e justiça (releve-se-me a palavra; sou filho, mas essa honra não me inibe de sentir a verdade); essa grande louca chamada *opinião* teve a imprudencia de conferir-lhe um dos logares eminentes deste sacerdocio moral; o seu nome é festejado e querido, lá desde o tempo em que outro critico de subidos quilates (perdõe-nos o sr. Quental) que era o Padre José Agostinho de Macedo, açoitando a tudo e a todos com a sua proverbial acrimonia e rispidez, estremou não obstante, aquilatou, e coroou com allissimos louvores, o cisne de dezasseis primaveras, que do fundo da sua obscuridade se levantou com um ramo de cipreste junto ao mausoleu da *Piedosa* ¹

Em Coimbra, estudante como o sr. Quental, e poeta como elle como elle tambem consagrava os remanescentes de estudos serios ao culto devoto da grande arte. Despontou com a lyra classica entre as mãos, a lyra de Ovidio e Tibullo, nacionalisada nas *Cartas de Echo* e na *Primavera*. A sua Musa amante e saudosa, ora seguia ao fresquissimo Gessner, seu irmão em Apollo, até ás deliciosas campinas do viver arcadico, ora dedilhava com o inimitavel Metastasio os lyrismos do amor e da paixão. Ao seu lado, crescia emtanto e pompeava outra

¹ Alludo aos encomios com que o Padre José Agostinho saudou a aparição do *Epicedio na sentida morte da Augustissima Senhora D. Maria I Rainha Fidelissima*—com que em 1816 se estreou o autor dos *Quadros historicos de Portugal* e do *Tributo portuguez*.

Muza: a Muza de Garrett, o portuguezissimo, o *divino Garrett* (como disse Camillo), Garrett, o creador do nosso theatro, o inoculador da seiba nova da nascente Europa no corpo estafado da litteratura nacional.

Amigas desde a puberdade, abraçaram-se as duas Muzas, comprehenderam-se a pleno, e repartiram irmãmentê a missão invejanda de rejuvenescer os brios de um povo pela palavra e pela idéa.

O papel distribuido pela Providencia ao Visconde de Almeida Garrett foi, depois das suas primeiras tentativas classicas, o de instaurador; a Castilho, o de conciliador. Com Almeida Garrett nasceu o sentimento, a naturalidade, a graça, o arrojo; com Antonio de Castilho feneceu o elmanismo vicioso, nasceu a lingua, corrigiu-se o gosto, e levantou-se a Musa desgrenhada do romanticismo com a pujança e magestade da Erato classica. Estava preenchido o fim de ambos.

A transição correu suave; a Renascença litteraria soube casar-se com o velho classicismo, já agora eterno, apesar do sr. Quental. Acudiram ao rebate da boda sublime os bons engenhos; de toda a parte soam hymnos. A Liberdade, que araiava a Europa, como uma aurora, e que a despeito de tudo veio illuminar tambem o throno austêro do Senhor D. João III, rejuvenesceu o Parnaso, e restituiu-lhe o verdadeiro sol; resgatou o metro do absolutismo das convenções mythologicas; chamou ás coisas pelos seus nomes; christianisou as Arcadias; consumou um progresso muito real.

Mas proscrever Horacio! isso nunca; porque Horacio é (para quem o entende) o *bom senso* e o *bom gosto*, que são eternos como a verdade, o bello, e o bom.

Genios ambos: Garrett, e Castilho: um, de criação e sentimento; o outro, de correcção de fórma, e colorido.

Veio juntar-se-lhes, muitos annos depois, um mancebo, em quem (devo dizel-o, porque em minha consciencia entendo que é a verdade) em quem transluziam desde os seus primeiros tentames, uns reflexos de immortalidade. Esse mancebo escreveu o *Eurico*, e, sem o saber, completou a trilogia.

GARRETT, CASTILHO, HERCULANO, simbolisaram para logo a litteratura nacional.

Hoje, que a litteratura nacional deplora perdido o Visconde de Almeida Garrett, entendeu o sr. Quental, e entende muita gente, que o sr. Antonio Feliciano de Castilho, por ter estabelecido e conservado o seu Tibur na provincia poetica, as-

pirava aos incensos de uma Realeza, em que nunca pensou; enganam-se, ou mentem.

O cantor de *Echo e Narciso* é o que foi sempre; é o que de si dizia outro grande espirito, investido por DEUS na Realeza terrestre: o Senhor D. Pedro: é o amigo dos que trabalham. O cantor de *Echo e Narciso* serve, desde que se entende, a religião do trabalho; deve ao trabalho a estima publica, e o exito litterario das suas obras; não herdou no berço aristocracias nobiliarias nem pecuniarias, mas herdou, já antigo entre os seus, o amor das lettras e o amor do trabalho. Tem passado o melhor da vida a ajudar e bafejar as Musas que despontam, a ensinar-lhes o caminho, a alinar-lhes a lyra, a apontar-lhes a luz; que o diga a *Revista Universal*; que o diga a brilhante pleiade de homens de lettras, que ao seu paternal conselho, aos seus incitamentos, deveram bom quinhão na gloria que os illustra; que o diga a ilha de S. Miguel; que o diga Coimbra; que o diga Lisboa; que o diga o Rio de Janeiro.

E a isto chama ironicamente o sr. Anthero do Quental ser Papa! ser autócrata! ser intolerante! Já é logomachia! onde está a intolerancia?

VII

—O sr. Antonio Feliciano de Castilho irado com a escola de Coimbra?

—Sim.

—Porque?

—Porque a escola de Coimbra lhe não prestou homenagem como a monarcha absoluto.

—Engana-se, e injuria-se a escola de Coimbra, suppondo-se menos cortez do que é em realidade; e quereis a prova? para não especificar mais nomes, citaremos apenas estes tres, que andam agora na faina da popularidade graças ás insinuações pouco benevolas do autor da *Beatrice*: Vieira de Castro; Theophilo Braga, Anthero do Quental.

Vieira de Castro, como acima tive occasião de referir, é amigo do sr. Castilho, visitou-o pela primeira vez em 1858 na sua casa do beco do Norte, levando-lhe por essa occasião um precioso manuscrito para censura.

Theophilo Braga enviou ao cantor do *Amor e melancolia* um dos primeiros exemplares do seu primeiro livro, e obteve

em resposta uma carta amigavel e sincera, que (por signal) eu tive occasião de inserir num artigo que publiquei no *Diario Official do Imperio do Brazil*.

Luthero do Quental finalmente, o proprio Luthero teve a delicadeza extrema de vir expressamente de Coimbra a Lisboa em novembro ou dezembro de 1863 consultar o Mestre ácerca da edição de um livro que projectava, e cujo manuscrito (se me não engano) trazia comsigo. Se a memoria lhe não falha, talvez se recorde de que foi isto num sabbado, de que foi cordalmente recebido num dos saraosinhos intimos de Tibur, abraçado como irmão, e tratado como poeta.

E á isto, e a estas provas de deferencia quer o sr. Quental chamar (segundo parece) *independencia irreverente de escriptores que entendem fazer por si o seu caminho sem pedirem licença aos MESTRES!* — *litteratura desaforada que cuidou puder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grão-mestres officiaes!* — *impiedade de hereges que se revoltam contra a auctoridade dos Papas e dos Pontifices!*.....

Já é abuso de figuras! á mais carinhosa cortezia e deferencia acoimar de *irreverencia!* de *desaforo!* de *impiedade!!!*

Vê pois o sr. Quental que não houve da sua parte o que no excesso de um santo escrupulo quiz arrogar-se, nem portanto houve motivo algum para que o sr. Castilho se *despeitasse* contra a escola de Coimbra.

Segue-se um paragrapho cheio das taes incognitas envenenadas, que ninguem percebe. Applicar-se-hão porventura a meu Pae as phrazes: *o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes?* — *a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias?* *a vulgaridade que cuida que a forçam?*

Se se applicam realmente ao cantor da *Noite do Castello* memoremol-as, e quem puder que as decore, que vale a pena; e saibam mais: que o sr. Quental diz no fim desse paragrapho que deseja *puchar as orelhas* (sic) ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. O commentario faça-o o meu leitor; eu não lh'o posso fazer com a penna.

VIII

Abreviemos. O tempo urge.

O sr. Quental faz na pagina 6 a profissão de fé litteraria

da sua escola; afirma que deveras quiz innovar, e no seu tom dogmatico declara que viu muito mais que os mestres, que sabe o que elles ignoram, que disse o que elles nem pensaram nem disseram nunca. O que resta saber é se deveras o que elle viu devia ser visto, o que elle sabe merecia sabido, o que elle disse precisava ser dito. Não basta o novo; é indispensavel o bom, sempre o bom.

Um horaciano ramerraneiro chamado Rossini disse das concepções romanticas da nova Italia estas palavras, que são uma arte poetica:—ha nesta escola coisas boas e coisas novas; o que porém é bom nem sempre é novo; o que porém é novo nem sempre é bom.

Pensaria por ventura aquelle gigante na escola de Coimbra?

Um folhetinista distincto, e que é além disso um bom poeta, o sr. Pinheiro Chagas, tratava hontem no *Jornal do Commercio* esta questão a proposito do opusculo do sr. Luthero do Quental. Não quero repetir o que já tão bem ficou dito por aquelle chistoso critico; abstenho me pois de *provar* á chamada escola de Coimbra que não só não innovou, mas nem sequer podia innovar.

Se se chama *innovar* dizer o que nunca estava dito, quem amanhã disser em verso ou em prosa que o ceo é verde, e os mares encarnados, que os olhos ouvem e os ouvidos veem, innovou *ipso facto*, e merece logar de socio correspondente da escola de Coimbra.

Diz o sr. Quental, fallando na *bella na immensa missão do escritor*:

«É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras, e das palavras.

O sr. Quental chama se a si mesmo escritor a pag. 6 linha 35; logo, é um sacerdote da religião da arte, e não um reformador arrogante; um official *publico religioso*, e não um innovador sem respeito; um *guarda incorruptivel das idéas*, e não um subversor de idéas e crenças; um *guarda incorruptivel dos sentimentos*, e não um abastardador dos sentimentos; um *guarda incorruptivel dos costumes*, e não um entusiasta inconsciente que vem lá do seu ermo dar em plena cidade o mau exemplo; um *guarda incorruptivel das obras, e das palavras*, e não um mero zoilo que faz e diz o que provavelmente é mau.

Ora como o sr. Anthero do Quental fez o contrario do que attribue ao verdadeiro escriptor que entende a sua *bella e immensa missão*, segue-se, que ou não é escriptor, e está em contradicção consigo mesmo quando atraz disse que o era, ou, se é escriptor, despresou a sua missão, e fez o mal sabendo que o fazia.

Toda a independencia de espirito—acrescenta elle—Toda a despreoccupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres —(note-se bem: de mestres)—de auctoridades, nunca será de mais.

Pois isto é fallar serio? pois uma intelligencia como a de Anthero do Quental permite-se alardear que toda a emancipação de mestres será pouca, para quem quer ser escriptor! onde o arrastou a furia da amplificação!

Só se em Coimbra entram a sciencia e o gosto e a experiencia, pelos poros da pelle, e quem menos estudar mais lucra! Que bella figura faria o sr. Quental no congresso de Liège.

Oiçamol-o:

O escriptor quer o espirito livre de preconceitos, e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato.

Chama talvez *preconceitos e respeitos inuteis* a toda a longa disciplina litteraria amontoada de geração em geração desde os aedos até Homero, desde Homero até aos romanos, desde os romanos até nós!

Horacio é um pobre pedante cerebrino e semsabor; Quintiliano um prégador de *nugas*; Cicero um insulso fallador; Beccaria um absolutista do Parnaso; Maury um cardeal rabugento que nada sabia da arte de escrever e fallar. Pois será tudo isso assim como quer o meu habilissimo protestante das letras; mas o que é verdade é que outro Luthero, muito maior que o nosso Lutherosinho de Coimbra, e que se chama Victor Hugo, o verdadeiro 83 litterario da França e do mundo, não desprezou nem Virgilio, nem Horacio, nem Homero, nem Pindaro, e os sabe de cór, e os imita; e que os seus Faunos são descendentes dos Silenos Arcadicos do Mantuano, e os seus bosques são os do monte Menalo e os do monte Parnaso, e as auras que elle ouve são muita vez as do mar Egeu, e os seus idyllios românticos seriam invejados por Theocrito, e a sua singeleza por Anacreonte, e a sua paixão por Tibullo, e o seu colorido por Ovidio, e a sua eternidade pelo proprio cantor semi-deus do grande Enéas.

O Virgile, o mon maître!

As legislações demagógicas e subitaneas de Victor Hugo despresaram a partes os classicos; o bom senso nunca; derubaram as columnas de Hercules; as praias não as supprimiram, que o não podiam; despediram-se da arte poetica do estacionamento; porém o mestre não a insultou, porque era forte e digno.

Deu grandes novidades, elle que foi sempre *lector de Horacio* ¹; inventou formulas novas, elle que decorou *as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos.* ²

Houve no seculo xvii um homem grave e douto, um amigo de reis e povos, um apostolo; chamava-se elle Bertholameu do Quental; antiga vergonteia da grande arvore, cujo derradeiro fruto foi o nosso esperançoso Luthero.

Aquelle santo congregado teve o bom ou mau juizo de escrever livros, de estudar, e muito, de meditar os modelos antigos eternamente juvenis, de ser um latinista e um horaciano, de ser purista, e de não *innovar*, como quasi dois seculos depois um seu collateral descendente havia de fazer, nessa mesmia Coimbra que o velho prégador da Capella Real afamára por seu estudo e diligencia.

Não sei se o sr. Anthero do Quental conhece este claro ornamento da sua estirpe; é de crer que o escorrace da sua parentela litteraria, visto que só *repetiu o que outros haviam dito*, e não adivinhou a *Arte e Verdade*, nem as *Odes Modernas*.

Entretanto, permitta-me o esperançoso universitario que lhe diga, e não em meu nome, que esse pouco val, senão no de todos os bons cultores da lingua e da rasão, que Bertholameu do Quental bem mereceu da terra patria, por sua piedade e muitas lettras, e merece ainda ser lido por quem quiser pensar em portuguez, e fallar em portuguez, não raros meritos para hoje em dia.

Ha semanas pois, estava-me eu acaso deliciando a folhear um volume das suas *Meditações das Domingas do anno*, sua-vissima leitura que toda é doçura e remanço para uma alma serena e sem pretensões a *innovadora*.

Deparou-se-me na Meditação ix, pag. 164 da edição de 1699, um trecho, que só por sua compostura classica e por-

¹ Carta — Pag. 40.

² Carta — Pag. 40.

tugueza me permitto citar aqui de passagem ao sr. Anthero do Quental, para que veja que entre os seus já houve quem fallasse chão ; ora oiça ; diz o seu douto avoengo isto assim:

«*Observaram as acções do Senhor, e observaram como fariseus, para as calumniarem ; e esta é a observancia dos que observam como fariseus as acções dos servos de DEUS para as calumniarem. Alerta, servos de DEUS! que são muitos os que observam as vossas acções para as caluniar, como os fariseus para as caluniar observam as de Christo Senhor nosso.*»

Isto não é, como poderia pensar um meu visinho rabequista muito azafamado e muito esperto (na esperleza e no instrumento collega do sr. Quental) comparar de modo algum o sr. Anthero do Quental aos fariseos, porque os fariseus eram maus, e perderam a Christo, e o sr. Quental não é mau no intimo (que o sei eu), e não perdeu coisa nenhuma, nem perde ; nem (e ainda menos) é comparar os ditinhos da sua carta ás calumnias dos fariseus. Foi só um excerptosinho classico portuguez, seu parente, que eu me permiti, e como que de passagem, sotopor ao alto juizo do contendor dos *classicos*.

Lembre-se tambem o mesmo ornamento da Academia, que seu avô paterno o sr. André da Ponte do Quental (para não ir mais longe, ou não fallar em vivos) foi tambem homem de boas letras, amigo de um certo *traductor*, de um certo *imitador*, e de um certo *enfetador de ninharias* que se chamava Bocage ; que foi poeta como Bocage, e que tudo quanto escreveu me consta que se entende, e se entendia já ha sessenta annos.

Agora passemos adiante.

IX

Apontaremos a correr mais alguns trechos notaveis desta fecundissima segunda parte do escrito coimbrão.

Diz-se lá por exemplo que :

«*Nem aos mestres, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve (o escritor) pedir conselhos e approvação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças.*»

Quer isto dizer duas coisas :

1.^a—que o julgamento das maiorias é para coisas litterarias o peor julgamento.

2.ª—que só de si, e não dos conselhos dos entendidos e experimentados, deve principiante inspirar-se para progredir.

Da primeira sentença deduz-se naturalmente, que desde que ha mundo se tem andado erradissimo em acreditar na grande voz das reputações. Homero apontado illustre pela *maioria boçal* de todo o mundo, é talvez uma fama panica ; deve consultar-se neste caso a minoria, entre as gerações que durando vinte e tres seculos o veneraram ; a todo o mundo opponham-se um Zenodoto, um Aristophanes de Bysancio, um Zoilo, e mais alguns da eggrégia companhia. Embora os crucifiquem, vel-os-heis raivando, *a enristar não a lança mas a lingua, que é a mais perfurante e contundente das armas conhecidas*, como lá disse, e tão acertadamente, Camillo Castello Branco. Isto de reputações deve, segundo o sr. Quental, ser tomado na rasão inversa do numero dos admiradores ; assim, Homero e Hugo, a quem o orbe todo acclama e adora, são dois cico-phantes e bandoleiros. Grande, deveras grande é..... é por exemplo o sr. Anthero do Quental, a quem só um pequeno numero de conhecidos e condiscipulos admira e louva.

Passemos á segunda sentença : nada de mestres, e os modelos cada um os tem em si proprio. Bella maxima ! o sr. Anthero do Quental é a Minerva armada e adulta, brotando do cerebro de um deus ; os outros porém não são assim ; os maiores escritores e pensadores levaram annos e annos a pensar, a estudar, a imitar, a copiar ; e como são a generalidade, de que o sr. Quental é apenas excepção, constituem elles a regra.

Tenho a gloria de poder dizer que já o autor do *Fausto*, pensava assim tambem, pois disse :

« De si mesmo é o homem estulto e desgeitoso. Artista que alardeie não ter tido PROFESSOR, lá teve os grandes mestres antigos, com quem viveu e se formou. Recebeu lições desses taes, e dos predecessores, e até da contemplação da natureza. Se acaso teve em partilha um bom talento, foi a natureza, e foi a arte quem lh'o affiseram..... Ninguém pode dizer que tudo o que é a si proprio o deve ; isso só ousará dizel-o um artista louco e máo, mas nunca um bom artista. »

O que a pagina 9 segundo § se diz dos escriptores *puros, limpos, e innocentes* merece deveres relido, porque, além do elegante e lyrico da phrase, contem um quadro. Remettemos a esse lugar da carta o leitor curioso. A esses taes chama o sr. Luthero do Quental *poetas*, porque *ensinam o bem, e porque são ORIGINAES.*

(*Originaes*, isso são de certo, ninguém lh'o nega ; e até muito originaes.)

E porque são tão poeticos como os seus poemas.

(Tambem ninguém lhe nega essa qualidade ; estamos de accordo.)

Os outros. . . . (oiçam, oiçam ; o meu visinho *rabequista*, a quem ácerca do sentido deste paragrapho que principia *Os outros* consultei esta manhã, porque estava de bom humor, disse-me que sem questão nenhuma se referia ao sr. Antonio Feliciano de Castilho ; eu dou-a pelo custo ; ora oiçam, que vale a pena ; é o cantor de *Echo e Narciso* tal e qual ; quem o não reconhecerá !)

Os outros — diz Lutherq — *adoram a PALAVRA, que illude o vulgo, e despresam a IDÊA, que custa muito e nada luz. São apostolos do dictionario, e teem por evangelho um tratado de metrificacão. Fazem da poesia o instrumento das suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas praticam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrever da grandeza humana, porque são uns sophismas, que nos mostram a pequenez e a má fé, aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar ; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dito ha mil annos, e fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé, para parecerem alguma coisa. São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São emfim genios no Brazil, como V. E.*

Sim, são *genios*, estes homens vulgares e banaes que se chamam Antonio Feliciano de Castilho ; o modo como auxiliaram e presidiram á revolução litteraria o prova de sobejo a quem não é myope.

É um homem bom — (sirvamo-nos outra vez aqui de palavras de um dos maiores genios allemães, Gæthe, que por ser *allemão*, e *genio*, dobrado parentesco tem com o philosopho de Coimbra). — *É um homem bom, e é por isso mesmo que elle é GRANDE ; porque se a um homem BOM coube além da bondade o talento, é certo que ha de sempre desvelar-se a bem do mundo, quer seja artista, ou naturalista, ou poeta, ou o que fór.*

As suas insinuações alleivasas, sr. Anthero do Quental, não demudam as opiniões correntes, de annos e annos, em todo o mercado das intelligencias, que falla portuguez. Retiro-me a *este ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal*, e a esse outro nascente Imperio nosso irmão, onde pulsa o nosso sangue.

Lá, lá, mesmo, a duas mil leguas da nossa metropole, ha um Imperio florescente, onde homens amigos se não correm de acclamar de longe, sem rebuço e sem invejas, este cego estrangeiro, que de tão longe os allumia.

O Homem Eminente, a quem a PROVIDENCIA dispartiu o Throno brasileiro, e que pela sua altissima posição e sagrado character, está fóra e acima de toda a nossa discussão, não se dedigna de honrar com a sua alta amisade e estima a este *enfeitador de ninharias luzentes*.

Seu Augusto Genro o Conde de Eu tributou inequivocas provas de affecto ao poeta portuguez.

Os primeiros pensadores do Brazil, os grandes do Brazil, o tratam como irmão.

Os poetas do Brazil o cantam e festejam.

Os leitores do Brazil exhaurem, umas apoz outras, as edições das obras d'este *apostolo do dictionario*, que tem por unico *evangelho um Tratado de Metrificacão*.

E todos, em Portugal, e no Brazil, e o grande Garrett, e o cardeal Saraiva, e José Estevão, e Innocencio da Silva, e Thomaz Ribeiro, e João de Lemos, e o Visconde de Gouvêa, e Silva Tullio, e Silvestre Pinheiro, e Camillo Castello Branco, e Philippe do Quental, e Casal Ribeiro, e o Duque de Palmella D. Pedro, e Rodrigues de Bastos, e Vicente Pedro Nolasco, e Antonio de Cabedo, e D. Antonio da Costa, e Zacharias de Araujo, e o Conde de Avila, e Andrade Corvo, e o Padre Fernandes Leitão de Gouvêa, e Jorge de Figanière, e o Conde da Carreira, e Latino Coelho, e Rodrigues Sampaio, e Pinheiro Chagas, e Lopes de Mendonça, e Soares de Passos, e o Barão da Ribeira de Sabrosa, e Adrião Forjaz, e Celestino Soares, e o Visconde de Villar Maior, e a Marquiza de Alorna, e José Maria da Silva Leal, e Emilio Monteverde, e Osorio de Vasconcellos, e Rodrigo Paganino, e Thomaz de Carvalho, e Barros Côrte-Real, e Augusto Lima, e Ernesto Biester, e Jacintho de Freitas Oliveira, e Ricardo Guimarães, e Cunha Bellem, e Ayres de Gouvêa, e Corrêa Leal, e Dias de Oliveira, e Gomes de Amorim, e o Visconde de Villari-

nho de S. Romão, e Francisco Evaristo Leoni, e Manuel de Mello Guimarães, e Couto Monteiro, e Estacio da Veiga, e Rodrigues de Gusmão, e Augusto de Sousa Lobo, e Antonio Ciro Pinto Osorio, e Sousa Telles, e Midosi, e Camara Leal, e Eugenio de Barros Ribeiro, e Santos Valente, e Jacintho da Silva Mengo, e Francisco de Freitas Gamboa, e Manuel Maria Portella, e Antonio Moniz Barreto Corte-Real, e Andrade Ferreira, e Antonio Gil, e Assiz Rodrigues, e Cunha Rivara, e Bernardino Pinheiro, e Cabral Couceiro, e Francisco Palha, e Filgueiras Sobrinho, e José de Sousa Bandeira, e Martins Bastos, e Monteiro Teixeira, e José Horta, e Lemos e Napoles, e Luiz Filippe Leite, e Pedro Diniz, e Manuel Roussado, e Claudio Nunes, e Borges de Figueiredo, e Costa Cascaes, e José do Canto, e Bernardino Gomes, e Pinto de Almeida, e Pinheiro Caldas, e Leão Cabreira, e Franzini, e Teixeira de Vasconcellos, e Rebello da Silva, e João de Aboim, e Francisco Bordallo, e Faustino de Novaes, e Julio Machado, e Lima Leitão, e D. Pedro da Costa, e o Marquez de Abrantes, e o Barão da Foscoa, e Rodrigues Cordeiro, e José Pinto Rebello de Carvalho, e José Frederico Pereira Marecos, e Barreto Feio, e André Joaquim Ramalho, e João Vicente Pimentel Maldonado, e Felix de Avellar Brotero, e Trigo de Aragão Morato, e Antonio Ribeiro dos Santos, e Passos Manuel, e Ribeiro Saraiva, e Mendes Leal, e Silveira Malhão, e Vieira de Castro, e Silveira Lopes, e Manuel Ferreira Portella, e Antonio Pereira Zagallo, e João Alexandrino de Sousa Queiroga, e Padre José Vicente Gomes de Moura, e Manuel Sanches Goulão, e Vicente Ferrer Netto de Paiva, e Jorge Guilherme Lobato Pires, e João Vicente Martins, e Manuel Borges Carneiro, e José Gomes Monteiro, e José Victorino Barreto Feyo, e Julio Caldas Aulete, e Luiz Palmeirim, e Augusto Palmeirim, e o Padre José Ignacio Roquete, e o Conde de Sabugal, e o Conde da Taipa, e o Visconde de Monção, e o Conde de Mello, e Bordalo Pinheiro, e João Evangelista Pereira da Costa, e Manuel Innocencio, e Sendim, e Francisco Sotero dos Reis, e Pedro Alexandre Cavroé, e Manuel José Barjona, e José Agostinho de Macedo, e Miguel Osorio Cabral, e Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e Manuel de Serpa Machado, e Lourenço José Moniz, e Francisco Benevides, e Ignacio Silveira da Motta, e Rodrigo de Moraes Soares, e Barboza Leão, e Figueiredo Maio e Lima, e Senna Fernandes, e Jeronymo de Figueiredo, e Albino de Figueiredo, e Antonio Joaquim de

Figueiredo, e o Visconde da Lagoaça, e o Conde de Samodães, e Antonio de Lacerda, e D. José de Lacerda, e D. Luiz da Camara, e Claudio de Chaby, e André Antonio Avellino, e Lopes de Lima, e José Theotônio Canuto de Forjô, e José Nicoláu de Massuellos Pinto, e Manuel Pedro de Mello, e Oliveira Vaz, e Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, e Macedo Araujo Junior, e Belchior Curvo Semmedo, e João Felix Pereira, e Antonio José de Figueiredo, e Carlos José Pinheiro, e Sebastião Corvo, e Francisco Martins de Andrade, e Domingos Bomtempo, e Frey José da Sacra Familia, e Pedro Augusto Martins da Rocha, e José Pinto Rebello de Carvalho e Souto, e Duarte de Sá, e João Nepomuceno de Seixas, e Xavier da Cunha, e Lopes de Vasconcellos, e Vieira de Sá, e o Marquez de Vallada, e Joaquim Ignacio de Freitas, e José Joaquim Serra, e Fradesso da Silveira, e José Jacintho Tavares, e o Prior de Arganil, e José Carlos Rodrigues Sette, e Amaral Frasão, e Araujo Zuzarte, e Ernesto Cibrão, e Fernando Castiço, e Jayme Moniz, e Sebastião Botelho, e Fontes Pereira de Mello, e José Maria Grande, e Antonio José Viale, e Filippe Folque, e o Morgado de Assentiz, e D. Gastão da Camara, e Antonio de Serpa, e Bulhão Pato, e Pereira da Cunha, e Rodrigo da Fonseca, e o Duque de Saldanha, e Costa e Silva, e o Visconde de Seabra, e João de Deus, e José Pereira Botelho, e Anselmo José Braamcamp, e Diogo de Goes Lara de Andrade, e Firmo Pereira Marecos, e José Maria de Abreu, e Adriano Cardoso d'Abreu Machado, e Alexandre Herculano; e Adolpho de Varenhagen, e Gonçalves Dias, e o Marquez de Rezende, e o Visconde da Pedra Branca, e Monte Alverne, e Porto Alegre, e José Eloy Ottoni, e Rangel de Torres Bandeira, e Thomaz Alves, e Bruno Seabra, e Pedro Luiz Pereira de Sousa, e F. A. Brandão, e Bettencourt e Silva, e Joaquim José Teixeira, e Fortunato Penido, e o Marquez de Olinda, e Pedreira, e o Barão de Itamaracá, e Menezes Doria, e o Talma brasileiro João Caetano, e Paes de Andrade, e Machado de Assiz, e Alvares de Azevedo, e Mello Moraes, e Pereira da Silva, e Pinto de Campos, e Nogueira da Gama, e D. José de Assis Mascarenhas, e quantos mais; e os portuguezes de Ponta Delgada, e os portuguezes de Leiria, e os portuguezes de Coimbra, e os portuguezes do Porto, e os portuguezes em Porto-Alegre no Brazil, e os portuguezes do Rio Grande, e as sociedades portuguezas, brazileiras, francezas, romanas, e os Institutos e as

Academias (sem fallar nos nossos Augustos monarchas, desde o Senhor D. João VI até ao Senhor D. Luiz, em quem a alteza e magestade do Throno me veda fitar os olhos) e todos, repito, e lá ao longe Edgard Quinet, Ferdinand Denis, Pauline Flaugergues, Jacques Arago, Antonio Briccolani, Antonio Bindocci, Lope de la Vega, Martines de la Rosa, Eugene de Monglave, Hyppolite Genton, e os dicionaristas e criticos da França e da Hespanha, e Achille Milliens, e Caetano Frascarelli, e Carlo Mattei, e Leon de la Vega, e D. Eusebio Asquerino, e Dona Rogelia Leon, e D. Thomaz Gomes, e Madame Amable Tastu, e Mellin, o chamado Walter Scott da Suecia, e Luciano Bonaparte, e Veggesi Ruscala, e Adriano Balbi, e Galleano Ravara, e Alcalá Galliano, e Don Ramon de Campoamor, e Louis Sauvages, e José Ilsley, e Hermano Roeder, e Krause, e Cesare Perini di Lucca, e Monsenhor Stefano Bruti, e o General Liberato Bruti, e D. Luiz Breton y Vedra, e D. Manuel de Mendoza, e o proprio Mestre de todos, Victor Hugo, são um bando de ineptos e boças, porque abraçam ou abraçaram o poeta portuguez, acclamam o seu *genio*, e o saudaram ou saudam como irmão.

A rasão, a justiça, a luz, e a sensatez, residem desde todo o principio no sr. Luthero do Quental, a quem só um pequeno numero de condiscipulos exalta e louva (*pequeno numero, repito em abono á intelligencia da maioria da Universidade, que repelle já de muito a invasão destes hunos do bom senso*)

Pois apesar do sr. Luthero, houve entre os do seu sangue uma bella alma, que se não correu de dedicar ao sr. Castilho estas duas estrophes, que por motivos de bem entendida ufanía e eterno agradecimento memoramos neste lugar:

TUA MAGICA LYRA ENCANTA E PRENDE,
AOS QUE TE OUVEM PULSAL-A, INCLITO VATE ;
VÉS CHORAR, SE ELLA GEME ; E QUANDO CANTA,
AS ALMAS ARREBATA.

ÉS, CASTILHO, MAIOR QUE CEM MONARCHAS ;
MAIS QUE MIL SCEPTROS VALE A TUA LIRA ;
ÉS MONARCHA QUE REGE ENTENDIMENTOS,
E CORAÇÕES CAPTIVA. ¹

¹ Estes versos foram dirigidos a meu Pae em Ponta Delgada, a 29 de novembro de 1848 pelo exm.º sr. Doutor Philippe do Quental, Tio paterno do sr. Anthero do Quental.

Tambem annos antes, um grande poeta, endereçando a Castilho um grande livro, a *Harpa do Crente*, lhe esculpia no frontispicio :

ALMA AFINADA PELAS HARPAS DE ANJOS,
REI DAS CANÇÕES, ENTENDERÁS MEU HYMNO.

X

Arranquemo-nos a este enfadonho repizar verdades: passemos á terceira parte do opusculo. Principia, segundo me parece, no terceiro paragrapho de pagina 10.

Ahi, num periodo deveras brilhante e energico, debuxa o autor em poucos traços o maravilhoso quadro da era moderna, desta era, que (no dizer eloquente do sr. Quental) é *de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaxamento moral, e de descrença.*

Vive DEUS que assim o confessa elle proprio! vive DEUS!

Segue-se um paragrapho, cheio dos taes espinhos occultos. Isto não é lealdade, sr. Quental; desnude a espada, e não apunhale pelas costas. Alludirão por exemplo a meu Pae as *sinecuras opulentas? os corrilhos do ellogio mutuo? o choque das maledicencias? o casamento das vaidades? as cadeiras almofadadas? as rendosas conezias litterarias? as prebendas? as expl-rações?*

Preciso sabel-o; entende? preciso sabel-o. Isto é peremptorio, e muito serio; a resposta deve ser igualmente peremptoria, e igualmente séria.

No emtanto, transcrevamos textualmente o sublime trecho, que é, por assim dizer, a coroa do livrinho: a analyse miuda que ás obras do sr. Castilho fez o sr. Quental:

«*Não é*—affirma elle—*traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma (alludo ás traducções de Ovidio e Anacreonte); requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos semsabores (alludo ás Cartas de Echo e Narciso); não é com idyllios grotescos, sem expressão nem originalidade (alludo á Primavera); com allusões mythologicas que faziam bocejar nossos avós*¹; *com phrases e senti-*

¹ Não eram de certo o sr. André da Ponte do Quental da Camara, nem o sr. Bartholomeu do Quental.

mentos postiços de academico e rhetorico (alludo ao Tributo portuguez na morte de D. Pedro v); com visualidades infantis e puerilidades vãs (alludo aos tratados de Metrificação e Mnemonica); com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados (alludo a todas as obras em prosa); com banalidades (alludo a todas as obras juntas, prosa e verso) (!); não é sobretudo lisonjeando o mau gosto e as pessimas idéas das maiorias, indo atraz dellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão-de produzir as idéas, as sciencias, as crenças, os sentimentos, de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar, como uma fogueira a que a lenha vai faltando.

O que vai faltando é a paciencia, sr. Anthero do Quental.

Não é fazendo isso tudo! então como é? como é que se produzem as idéas, as sciencias, as crenças, os sentimentos? é escrevendo a *Beatrice*? é escrevendo as *Odes Modernas*? é escrevendo *Arte e Verdade*? é escrevendo o prologo aos *Cantos da Solidão*, livro aliás muito formoso, do sr. Manuel Ferreira Portella?

Mas basta. Eu não sou critico de profissão. O sr. Anthero do Quental deu-se ao trabalho de analysar, segundo o seu juizo, as obras de meu Pae; mas eu é que me não dou ao praser de analysar as suas.

Alguem se vai encarregar dessa missão de demolidor.

«*Quem pensa e sabe hoje na Europa — torna o sr. Luther — não é Portugal, não é Lisboa; é Pariz, é Londres, é Berlim.*

(Póde accrescentar-se: — é a casa do sr. Quental em Coimbra.)

«*Não é a nossa divertida Academia das sciencias, que resolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idéas. É o Instituto de França, é a Academia scientifica de Berlim, são as escolas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Allemanha.*

(Accrescente-se: é Anthero do Quental.)

O que se segue, ficou pulverizado pelo sr. Pinheiro Chagas, quando perguntou:

«*INNOVAM o quê? inventam o quê? a philosophia de Hegel? os systemas historicos de Vico? a simbolica pagã de Creuzer?*

o esclarecimento da historia pelo estudo da jurisprudencia de Savigny? a critica de Schlegel, de Raynouard, de Villemain, de Michelet, de Quinet, de Tayne? Mas isso tudo já lá fóra desceu das misteriosas alturas do saber de poucos, para a erudição comestinha dos Diccionarios de Conversação. Applicaram ao menos ao estudo das coisas patrias os novos pharoes accendidos pelos sabios estrangeiros, pharoes que projectam a sua immensa luz nos mares tenebrosos do passado? Não: nem isso, a menos que os artigos do sr. Theophilo Braga, que não dão um passo para além dos prologos de Garrett, não sejam considerados como equivalentes aos trabalhos dos eruditos francezes e allemães! E porque não ha-de ser assim?.....

Passaria de leve pelo resto, se não encontrasse entre as palavras do final do terceiro paragrapho de pagina 12 uma pontinha envenenada, que é mister cortar: é uma ironia, com que o autor da carta tem a desfachatez de fallar no *novo methodo repentista*.

Isto o sr. Quental! isto uma intelligencia muito clara e muito alta! isto um homem que viu em S. Miguel os milagres da regeneração escolar! isto um sobrinho de um dos mais estrenuos defensores do methodo portuguez! isto um membro da geração nova! isto um escritor que trabalha para ser lido, e a quem só hade ler quem souber ler! isto em 1865! Negar factos, nem S. Thomé.

Saiba porém o sr. Quental que essa ironia, com que pretende verberar o *inepto* que abriu as portas da luz a todo um povo, não chegou ao seu destino; se fosse raio, estalava-lhe entre as mãos, e desfazia esse Jupiter Tonante de comedia; como nem raio era, não estalou.

Uma ironia! o sr. Anthero do Quental! uma ironia!

Replica elle:

«O *metrificador das cartas de Echo* diz ao pensador da *Phylosophia da natureza*:— «Tira-te do meu sol.» O *mythologo do diccionario da fabula* diz ao profundo descobridor da *Simbolica*:— «És um ignorante.»— A *rhetorica portugueza* diz á *sciencia, ao espirito moderno*:— *Cala-te d'ahi, papelão.*»

Em tudo se engana redonda e vergonhosamente o sr. Quental, ou finge enganar-se, que é muito mais vergonhoso ainda.

O *metrificador das cartas de Echo e Narciso* não diz— «Tira-te»—ao pensador da *philosophia da natureza*; mas o

metrificador das cartas de Echo e Narciso pôde dizer:— «Vai-te» — ao pensador das *Odes Modernas*.

O *mithologo do dicionario da fabula* não disse nunca ao descobridor da *Simbolica*— «És um ignorante» —; mas esse mesmo *mithologo* pôde dizer isso mesmo ao autor da *Arte e Verdade*.

A *rhetorica portugueza* não diz á sciencia — «Cala-te» —, nem insulta o espirito moderno chamando-lhe *papelão* (como quer o sr. Quental); mas pôde mandar calar (ao menos em Tibur) o inimigo da *rhetorica portugueza*, do *bom senso*, e do *bom gosto*, o falseador do espirito moderno, que do seu antro envia ao mundo moeda falsa no peso e no cunho, e quer não obstante um lugar junto aos grandes *innovadores* e *revolucionadores* da sociedade.

A *philiosophia* verdadeira, sã, e humanitaria, não é odiada nem desconhecida pelo philosopho inventor do *Methodo portuguez*; mas os entenebrecedores por officio, esses sim.

O autor do *Camões* não se ficou a sonhar com os *quinhen-tistas*, nem com os *frades estonteados*; a sua *mystica* lá del-le, e o seu milagre é a regeneração da instrucção prima-ria. Acompanhou desde 1820 o espirito moderno, ajudou-o de 1828 até 1834, depois cantou-o sempre, e antecipou-o muita vez. Vive todo com o coração no passado *bello*, mas com a mente no futuro *bom*, no futuro ideal que só os gran-des poetas, como elle, vaticinam, e que vai desde que ha mundo atraindo a pouco e pouco a humanidade, do conheci-do para o desconhecido, do finito para o infinito, do exilio para DEUS!

XI

Quarta parte: O IDEAL. Principia, quanto a mim, no 5.º § da pagina 12.

Já o sr. Pinheiro Chagas, com a proficiencia que todos lhe conhecem, tocou este ponto, dos mais espinhosos, da verrina de Luthero.

Disse Luthero :

«É que tudo isto não passa de idéas. Ora ha uma coisa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não deixa em paz, que nos prometeu destruir... é a *metaphysica*... é o ideal! O ideal! palavra *mystica*; de *gothica* configuração; quasi im-palpavel; *espiritualista*; *impopular*; que o artigo de fundo re-

pelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim, e que enche o maior poema; immensa aos olhos dos que vêem com os olhos fechados, e que nunca viram os que os trazem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas; grotesca num boatequim; disforme numa sala; medonha numa assembléa de litteratos horacianos... decididamente V. E. devia odiar esta desgraçada palavra!»

Respondeu Pinheiro Chagas, que, segundo parece, é, pelo menos, Cardeal sub-diacono da curia de Leão x:

«A maxima virtude dessa escóla que excita as nossas iras, é a sua adoração pelo ideal, o sacerdocio augusto que esses poetas exercem. Isso sim; isso é que nós não percebemos; por isso é que os apedrejamos.»

Mas, senhores! o que é o IDEAL para o poeta? pergunto eu.

IDEAL não são as rimas nem as phrases. IDEAL é a humanidade nova; a humanidade que o poeta concebeu e procreou com o pensamento, e que lhe responde de todo o ponto a uma *idéa*, a um typo ¹; não é assim?

IDEAL é a nação de amanhã, que pela sua palavra e pela sua muzica, o poeta affeição, educa, e levanta. ²

IDEAL são as crenças e os brios de nossos avós, que pelo metro, ou nos marmores de Paros onde se esculpe a historia legendaria das nações, o poeta ressuscita no coração dos seus contemporaneos, no coração de seus netos, no coração dos netos de seus netos. ³

IDEAL é o aquecimento da altivez nacional, o rejuvenescimento de uma lingua que não é castelhana, e (se DEUS nos ouvir) nunca o será. ⁴

IDEAL para o poeta verdadeiro sacerdote do bom gosto é

¹ Alludo ás *Cartas sobre as escolas populares*, á *Carta a El Rei D. Luiz*, ás *Cartas a El Rei D. Pedro e á Senhora D. Maria II*, e ao *Senhor D. Pedro II do Brazil*, etc.

² Alludo á segunda *Epistola* á *Senhora D. Thereza Imperatriz do Brazil*, ao *Monologo de Emilia das Neves*, á *Dedicatoria da Adriana Lecouvreur*, ao popularissimo *Hymno do trabalho*, etc.

³ Alludo á *Chacara de Santa Iria*, á *Chacara de D. Auzenda*, á *Chacara da Tomada de Coimbra*, á *Chacara de Inez de Castro*, á *Chacara da Mulher marinha*, a todas as chacaras, aos *Quadros historicos de Portugal*, ao drama *Camões* etc.

⁴ Alludo a todas as obras em prosa, e a todas as obras em verso.

a sotoposição aos olhos do povo, e a vulgarisação dos modelos artisticos eternamente juvenis da estatuaria eloquente da Grecia e Roma. ¹

IDEAL é a Liberdade augusta, que o poeta sustenta e afervora com a sua palavra de fogo, mesmo sob o açoite ferreo de Calígula. ²

IDEAL é a concitação omnipotente aos sentimentos fortes, o apello purificador ás grandes dores da alma, aos grandes abalos moraes que todo o mundo entende. ³

IDEAL são para o poeta as lagrimas que vertem os corações de bem, lagrimas suaves, que lhes são balsamo, ensino, consolação. ⁴

IDEAL é a civilisação suave de todo um povo, por quem o poeta se desvela, e enterra a lyra dos seus verdes annos. ⁵

IDEAL é numa palavra um povo inteiro a Jer, a cantar, a amar, a progredir, a comungar na meza do progresso; illustrado, valente, religioso. ⁶

Isto é que é o IDEAL deste poeta peninsular de coração, grego e romano de fórma; deste poeta a quem o sr. Quental ousou consporcar com a sua baba venenosa. *Tu quoque, Brute?*

IDEAL não são as *ninharias luzentes*; IDEAL é a idéa maxima que a ellas preside, as doira, e as sublima.

IDEAL é isto. Acha pouco? leia as obras deste cego vidente, aquilate-as se souber, entenda-as se poder, e diga-me

¹ Alludo ás versões de Ovidio, Virgilio, Moscho, Sapho, Bion, Anacreonte, etc. e aos poemas originaes a *Primavera*, as *Cartas de Echo*, a *Invenção dos jardins* etc.

² Alludo aos *versos liberaes*, á *Meditação*, ao *Sacrificio a Camões*, aos *sonetos liberaes*, á *Epistola ao Senhor D. Miguel de Bragança*, á *Epistola ao povo nas eleições de 1834*, á *Cantata de 1821*, á *ode na morte de Gomes Freire e seus socios em 1817*, etc.

³ Alludo aos *Ciumes do bardo*, á *noite do Castello*, ao *Campanario de Farum*, ao *Presbyterio da Montanha*, ao poema de *Santa Maria Egypciaca*, etc.

⁴ Alludo ao *Cemiterio campestre*, á *Chave do enigma*, ao *Epicedio a Senhora D. Maria I*, ao *Tributo portuguez á morte do Libertador*, ao *Tributo no transito do Senhor D. Pedro V*, á *Primavera no mar*, ao *Amor e Melancolia*, e ao *Natal do póbresinho*.

⁵ Alludo á *Felicidade pela Agricultura*, á *Felicidade pela Instrucção*, ás *Noções rudimentaes para uso das escolas*, ao *Tratado de Metrificacão*, ao *Tratado de Poetica*, ao *Tratado de Mnemonica*, ás *Estreias poetico-muzicaes*, ao *Curso de lingua latina*.

⁶ Alludo ao *Methodo portuguez*, e á *livraria de ineditos* por elle suscitados.

depois se em sua consciencia entende que este *metrificador* tem de viver nos seculos, ou se ha-de morrer em vida, como morreram as obras de tantos outros!

Empraso-o a que responda.

As honrarias a que allude no fim do § quarto de pagina 13 forjou as o sr. Quental; nem admira: quem forja tanta falsidade, não é muito que fabrique alguns oiropeis. As *comendas*, os *factos*, as *realidades*, as *decorações*, e as *academias*, cifram-se no logar de Vogal do Conselho Geral de Instrucção Publica, e no grão de simples Cavalleiro da Torre e Espada, a occultas sollicitado, por signal, pelo Visconde de Almeida Garrett para os seus dois amigos Herculano e Castilho, e delicadamente entregue aos agraciados num jantar em casa do cantor da D. Branca, onde compareceu além dos tres o sr. Corrêa Leal, tambem por essa occasião agraciado com a Conceição de Villa Viçosa.

Nem a carta de conselho, com que toda a gente o condecora, nem a grã-cruz litteraria que lhe não coube, nem fôro nenhum, nem attributo com que se confunda com a plebe dos condecorados. Esse favor deve elle aos distribuidores de mercês no seu paiz.

Aconselho portanto ao sr. Quental a que não falle do que não sabe ou finge não saber.

Dizia o sempre memoravel Padre Antonio Vieira estas palavras, que, por de todo moldadas no espirito moderno, e talvez até no caso particular e pessoal onde o sr. Quental houve por bem trazer-nos, julgamos bem cabidas neste logar; eil-as, se comtudo o citar ao sr. Quental um *classico bolorento* não é sacrilegio ou impertinencia:

«Se servistes a patria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para cum coração honrado que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devies, então vos pagastes....

«Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão, que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas daquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes a estatua o senado; a Catão o mundo.

«Deixae perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não vêr premiado. Essa pergunta, e essa admiração, é o maior e o melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não

«vól-o póde tirar a inveja; o que vos deu a fama, não vól o
«póde tirar a ingratição. Deixae-os ser ingratos, para que
«vós sejaes mais glorioso.

«Um grande merecimento sobre uma grande ingratição
«fica muito mais subido. Se não houvesse ingratições, como
«chaveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradecimen-
«to, dae-lhe graças.

«Mas quando as mercês não são prova de ser homem, se-
«nãõ de ter homem, e quando não significam valor senãõ
«valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com
«juizo Marco Tullio, que as mercês feitas a indignos não hon-
«ram os homens, affrontam as honras. E assim é. As com-
«mendas em semelhantes peitos não são cruz são aspa; e
«quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos
«podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora
«exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude.»

O final da carta de Luthero é de tal jaez, que o tocar-lhe
seria blasphemia ao deus do ridiculo. Julga este anãosinho
das sebtas, que, para discutir um homem ou uma idéa, é
preciso ignorar a civilidade. Engana-se porém.

Ser amigo de Shakespeare e Hugo não veda ser-se tambem
admirador e amigo de um varão como Antonio José Viale.

O sr. Conselheiro Viale é um homem de bem, e sabe, e ma-
nuseia, e estima, (talvez como ninguem em Portugal) as lit-
teraturas classicas, que o sr. Quental odeia tão deveras. Res-
peito o sabio autor do admiravel *Bosquejo*, como antigo ami-
go de meu Pae; venero-o, como meu mestre, e verdadeiro
mestre, consciencioso e incançavel, da geração nova. Nisso
me ufano de seguir a opinião do proprio autor da *carta*, que
affirma que o sr. Viale falla latim como *Bavio e Mevio*. Que
maior elogio quereis? *Bavio e Mevio* eram dois criticos tão
injustos e acres como o sr. Luthero; isso é verdade; mas te-
nho para mim que fallavam e escreviam o aureo latim do se-
culo de Augusto. O que pois se quiz erradamente interpretar
aqui em alguns gremios de Lisboa como motejo e ironia ao
abalisado professor do Curso Superior de Lettras, era nada
menos do que a sua canonisação em bocca tão competente
como a do vate de Coimbra. Ao menos, acertou desta vez.

Eu por mim, se no decurso deste longo arrasado muita
vez me excedi, peço perdão ao publico; ao sr. Quental, não
vejo por que o peça. A quem discutir de boa fé e cortezmen-
te, nunca serei eu que o provoque. O provocar é bom para

estes espadachins, que não teem nada que fazer, mas aspiram a immortalizar-se deitando fogo aos templos e ás livrarias.

XII

Vamos concluir, permittindo-nos revelar ao leitor uma observação nossa, e levantar uma pontinha do véo.

Escusa o sr. Anthero do Quental de aventar para esta sua guerra pretextos qual a qual mais frivolo ; o sr. Quental veiu à liça, clamando a um lado e outro : *vingança ! vingança !* porque estava certo de que o proprio gigante, que elle ostensivamente desafiava, lhe não responderia.

No fim da sua carta ao honrado editor o sr. Antonio Maria Pereira, impressa com o *Poema da Mocidade*, escreveu a *victima* do sr. Luthero :

— *«Queira V. S.^a dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela imprensa, que o Virgilio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia, expendi-o. Lá brigar, não brigo, que tenho mais que fazer.*

E logo Achilles entrou na tenda. Assim que o souberam a pendurar a espada, e a depôr o elmo, eis saltam de tropel os insurgentes, e o insultam pelas costas ; deixal-os insultar. Achilles não torna.

Dominis absentibus, id ita fit. Recorda-se o sr. Anthero do Quental por ventura desta sentença ?

Console-se o sr. Quental. O seu livro fez muita bulha em Lisboa ; durando dez dias o seu nome correu de bocca em bocca, e a sua fama igualou a dos mais fovorecidos. Apesar do silencio de toda a imprensa de Lisboa, a quem do fundo da alma e com todas as veras agradeço a benevolencia com que tratou o nome de meu Pae, o livrinho vendeu-se, e era isso o essencial.

Como filho do grande homem, agradeço ao sr. Anthero do Quental a sua carta. O sr. Anthero do Quental viu uma grande gloria portugueza, e disse comsigo :

— *«É um grande talento, mas falta-lhe a consagração da posteridade, que os zoilos como quer que seja anticipam aos vultos eminentes ; serei eu o zoilo de Castilho.»*

O empenho era louvavel ; a intenção caridosa.

Escusava porém o sr. Quental de incommodar-se ; já o ti-

nham precedido no glorioso commettimento muitos mestres primarios, muitos calumniadores encobertos, muita vez o *Asmodeu* e os seus pares, em S. Miguel o infeliz que teve a honra de motivar o *Ou eu ou elles*, e em Lisboa o idiota que teve a honra de provocar a *Tosquia de um camelo*.

O sr. Anthero do Quental, menos venturoso, nada provocou senão o riso.

Lisboa—Travessa do Pé de Ferro n.º 13 (ás Trinas)
23 de Novembro de 1865.

JULIO DE CASTILHO.

P. S.

Parabens ao sr. Quental! O sr. Antonio Feliciano de Castilho ouviu fallar do opusculo, graças a uma alma caritativa que lhe foi levar a novidade. Leram-lhe o bello folhetim do sr. Pinheiro Chagas, e a engraçadissima, e (sob apparencias frivolas) judiciosa carta do sr. Manuel Roussado, ambos muito amigos do poeta e seus leaes admiradores. Quando lhe quizeram ler tambem o *Bom senso e bom gosto*, respondeu o cantor de Echo e Narciso:

— «Obrigado; isso, não. Lá eloquencia por eloquencia, antes a oração de Cicero contra Vatínio, ou os discursos de Demosthenes contra Philippe de Macedonia. Isso não; obrigado.»

21 de Novembro.

A' ultima hora

Depois de impresso o presente opusculo, chegou-me acaso ás mãos um folheto de um tal sr. Elmano da Cunha, amigo (segundo parece) do sr. Quental. O estilo, o pensamento, a argumentação desse pobre folheto são deveras tanto abaixo do assumpto e do decoro que todos nos devemos, que me julgo inteiramente, não so dispensado mas até inhibido de responder lhe. O sr. Quental estava para mim em posição especialissima, e foi por isso que analysei, conforme as minhas poses, o seu opusculo. Agora ao sr. Elmano, acharia indecente retorquir uma palavra sequer. No campo dos improperios, das intrigas, das calumnias villãs, das fabulas arteiras, e dos precipicios, não me bato. O sr. Antonio Feliciano de Castilho fica sempre o que é, apezar de todos os Elmanos da Cunha (cujo numero é infinito); e o sr. Elmano da Cunha depois de todas as esfregas ficaria tambem na mesma. Por isso, desejamos boa venda ao seu livrinho, mas resposta não lh'a damos.

Lisboa 29 de Novembro de 1865.